

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLetras

NÁDIA LETÍCIA PEREIRA SILVA

**DE *AMARRAR O FACÃO A CASA DA RUINDADE*: UNIDADES
FRASEOLÓGICAS NAS ÁREAS SEMÂNTICAS *CICLOS DA VIDA E CONVÍVIO E
COMPORTAMENTO SOCIAL* NO INTERIOR DO MARANHÃO E DO CEARÁ**

SÃO LUÍS

2020

NÁDIA LETÍCIA PEREIRA SILVA

**DE AMARRAR O FACÃO A CASA DA RUINDADE: UNIDADES
FRASEOLÓGICAS NAS ÁREAS SEMÂNTICAS *CICLOS DA VIDA* E *CONVÍVIO* E
COMPORTAMENTO SOCIAL NO INTERIOR DO MARANHÃO E DO CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Letras.

Área de concentração: Descrição e Análise do Português
Brasileiro

Orientadora: Prof^{ta}. Dr^a. Conceição de Maria de Araujo
Ramos

Coorientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes
Bezerra

SÃO LUÍS

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Nádia Letícia Pereira.

DE AMARRAR O FACÃO A CASA DA RUINDADE: : UNIDADES
FRASEOLÓGICAS NAS ÁREAS SEMÂNTICAS CICLOS DA VIDA E
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL NO INTERIOR DO MARANHÃO E
DO CEARÁ / Nádia Letícia Pereira Silva. - 2020.
99 f.

Coorientador(a): José de Ribamar Mendes Bezerra.

Orientador(a): Conceição de Maria de Araujo Ramos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2020.

1. Atlas Linguístico do Brasil. 2. Fraseologia. 3.
Unidades fraseológicas. I. Bezerra, José de Ribamar
Mendes. II. Ramos, Conceição de Maria de Araujo. III.
Título.

**DE AMARRAR O FACÃO A CASA DA RUINDADE: UNIDADES
FRASEOLÓGICAS NAS ÁREAS SEMÂNTICAS CICLOS DA VIDA E CONVÍVIO E
COMPORTAMENTO SOCIAL NO INTERIOR DO MARANHÃO E DO CEARÁ**

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Conceição de Maria de Araujo Ramos/UFMA
(Orientadora)

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra/UFMA
(Coorientador)

Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim/UFBA
(Examinadora externa)

Prof. Dr. Luís Henrique Serra/UFMA-PGLB Bacabal
(Examinador interno)

Prof^a. Dr^a. Georgiana Márcia Oliveira Santos/UFMA
(Examinadora suplente)

Aos meus pais e meus avós

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado, principalmente, força e sabedoria para que eu pudesse ter chegado até aqui.

Aos meus pais, Lúcia e Francisco, pelos ensinamentos e por serem as minhas principais referências de afetividade e conduta.

Aos meus avós, que juntos aos meus pais me enchem de amor e carinho e por sempre torcerem pelo meu sucesso pessoal e profissional.

Ao meu companheiro Devison, por todo amor, carinho e companheirismo durante todo esse período. Pela paciência e por lutar junto comigo e me apoiar na busca de todos os meus/nossos sonhos.

Aos meus familiares, pelos elogios e por me ensinarem como viver em união, e em especial, ao Jonathan, primo-irmão que me incentiva e ajuda, sempre que preciso, com as questões tecnológicas.

À Prof^a. Conceição, minha querida orientadora, por ter me conduzido neste trabalho, obrigada por toda a paciência, conversas, conselhos e ensinamentos, parte da minha trajetória é espelho da sua.

Aos professores Mendes, Georgiana, Cibelle, Heloísa e Luís, por todos os diálogos, reuniões, conselhos e sugestões, são pessoas com quem aprendi/aprendo muito.

À Prof^a. Dr^a. Marcela Paim pela disponibilidade de ajudar sempre que precisei e cujas informações muito enriqueceram o meu trabalho.

À Thaiane Mendonça e Edson Lemos, obrigada pela amizade, pelo apoio e afeto, vocês são muito especiais.

Aos colegas do Projeto ALiMA, em especial, Layane Sousa, Laryssa Porto, Gabriel Castro, Wilma Stela, companheiros de missão.

Ao querido Luanderson, professor e colega que muito me ajudou em traduções e textos em francês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro e estímulo proporcionado para o desenvolvimento do meu trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFMA, pelo apoio e pela qualidade dos seus professores, pesquisadores e funcionários.

Chaque mot est, dans notre mémoire, une maille d'un réseau aux fils ténus et innombrables; dans chaque mot viennent aboutir, pour en repartir ensuite, mille associations diverses. (BALLY, 1951, p. 67)

RESUMO

Estudo das unidades fraseológicas com base em dados de natureza geolinguística extraídos do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) referentes às localidades do interior do Maranhão e do Ceará que integram a rede de pontos linguístico do Atlas, tendo como ponto de partida o pressuposto de que as unidades fraseológicas, como itens do léxico, estão estritamente relacionadas com os fatos socioculturais das comunidades linguísticas em que estão inseridas. Tem-se como objetivo principal investigar as unidades fraseológicas no português falado no interior do Maranhão e do Ceará, nas áreas semânticas *Ciclos da vida* e *Convívio e comportamento social*, com vistas a: (i) examinar a produtividade dessas unidades em dados geolinguísticos; (ii) analisar seu uso considerando os eixos diatópico, diasssexual e diageracional; (iii) verificar a dicionarização das unidades que compõem o *corpus*; (iv) identificar a tipologia estrutural das unidades fraseológicas documentadas; (v) elaborar cartas diatópicas com as unidades fraseológicas mais produtivas; (vi) elaborar um glossário com as unidades fraseológicas documentadas; e (vii) oferecer subsídios para a construção da base de dados do Projeto VALEXTRA. O trabalho segue dois vieses teórico-metodológicos. Por sua natureza geossociolinguística, fundamenta-se nos princípios da Geolinguística Pluridimensional utilizada pela equipe de pesquisadores do Projeto ALiB, em que o registro dos dados acomoda os parâmetros diatópicos, diageracionais, diasssexuais e diastráticos. Por tratar-se de uma pesquisa no âmbito da Lexicologia, vinculada ao Projeto Variação lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às construções pragmáticas (VALEXTRA), toma como suporte teórico os estudos de Mejri (1997; 2012; 2017; 2018), Sfar (2016), Gross (1996) e Paim, Sfar e Mejri (2018), para tratar das questões relativas às unidades fraseológicas, segundo a perspectiva francesa. O estudo contempla 19 pontos linguísticos, sendo oito do Maranhão e 11 do Ceará, tendo-se, portanto, um total de 76 informantes, todos com o ensino fundamental incompleto, distribuídos equitativamente entre os 19 pontos e estratificados por sexo – homem e mulher; idade – faixa etária I, de 18 a 30 anos, e faixa etária II, de 50 a 65 anos. Foram catalogadas 80 unidades fraseológicas que refletem a competência discursiva dos falantes, o que corrobora a ideia de que uma parte expressiva do nosso discurso é constituída por fraseologismos.

Palavras-chave: Unidades fraseológicas. Fraseologia. Atlas Linguístico do Brasil.

ABSTRACT

Study of phraseological units based on data of a linguistic nature extracted from the *corpus* of the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB) referring to the localities of the interior of Maranhão and Ceará that integrate the network of linguistic points of the Atlas, having as a starting point the assumption that phraseological units, as items in the lexicon, are strictly related to the socio-cultural facts of the linguistic communities in which they are inserted. The main objective is to investigate the phraseological units in Portuguese spoken in the interior of Maranhão and Ceará, in the semantic areas *Life cycles* and *Social interaction and behavior*, with a view to: (i) examining the productivity of these units in geolinguistic data; (ii) analyze its use considering the diatopic, diasexual and diagenational axes; (iii) check the dictionary of the units that make up the corpus; (iv) identify the structural typology of the documented phraseological units; (v) elaborate diatopic letters with the most productive phraseological units; (vi) prepare a glossary with the documented phraseological units; and (vii) offer subsidies for the construction of the VALEXTRA Project database. The work follows two theoretical-methodological biases. Due to its geosociolinguistic nature, it is based on the principles of Pluridimensional Geolinguistics used by the ALiB Project team of researchers, in which the data record accommodates diatopic, diagenational, diasexual and diastratic parameters. As it is a research within the scope of Lexicology, linked to the Lexical Variation Project: theories, resources and applications: from lexical conditioning to pragmatic constructions (VALEXTRA), it takes Mejri's studies as a theoretical support (1997; 2012; 2017; 2018), Sfar (2016), Gross (1996) and Paim, Sfar and Mejri (2018), to address issues related to phraseological units, according to the French perspective. The study includes 19 linguistic points, eight from Maranhão and 11 from Ceará, thus having a total of 76 informants, all with incomplete elementary education, distributed equally among the 19 points and stratified by sex - man and woman; age - age group I, 18 to 30 years old, and age group II, 50 to 65 years old. 80 phraseological units were cataloged that reflect the speakers' discursive competence, which corroborates the idea that an expressive part of our discourse is made up of phraseologisms.

Keywords: Phraseological units. Phraseology. Linguistic Atlas of Brasil.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	11
LISTRA DE FIGURAS	12
LISTA DE GRÁFICOS	13
LISTA DE CARTAS	14
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	15
1. É HORA DE <i>DAR À LUZ</i> : iniciando o percurso dos estudos fraseológicos do Maranhão e do Ceará	16
2. <i>DE CASA DA RUINDADE A PÃO DURO</i> : por que estudar o Maranhão e o Ceará?	22
3. <i>COM A LÍNGUA SOLTA</i> : fundamentos teóricos para subsidiar o estudo da Fraseologia	29
3.1 Léxico	29
3.2 Fraseologia	34
3.2.1 A contribuição de Saussure e Bally	34
3.2.2 Os caminhos da Fraseologia no Brasil: uma breve síntese	37
3.2.3 A Fraseologia: perspectiva francesa	38
3.3 Dialetoлогия/Geolinguística e Fraseologia: um diálogo profícuo	43
4. <i>BEBENDO ÁGUA DE BADALO</i> : o percurso metodológico	45
4.1 O <i>locus</i> da pesquisa	46
4.2 Os informantes	49
4.3 O instrumento de coleta de dados: o Questionário Semântico-Lexical	50
4.4 A constituição do <i>corpus</i>	50
4.5 O programa computacional: <i>Lexique Pro</i>	52
5. <i>PÉ DE CANA E PÉ-DURO</i> : análise das unidades fraseológicas	57
6. <i>CHEGOU A HORA DE AMARRAR O FACÃO</i>	72
Referências	74
Apêndice	80
Anexos	93

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Fixação no plano sintático	39
QUADRO 2 – Fixação no plano semântico	40
QUADRO 3 – Estratificação dos informantes	50
QUADRO 4 – Área semântica <i>Ciclos da vida</i>	51
QUADRO 5 – Área semântica <i>Convívio e comportamento social</i>	51
QUADRO 6 – Etiquetas selecionadas para microestrutura do verbete	54
QUADRO 7 – UFs catalogadas	57

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1 – Rotas principais de deslocamentos dos cearenses	27
FIGURA 2 – Organização da microestrutura do glossário	33
FIGURA 3 – Rede de pontos ALiB	46
FIGURA 4 – Tela inicial do programa <i>Lexique Pro</i>	52
FIGURA 5 – Tela da aba <i>Lexicon Language</i>	53
FIGURA 6 – Tela da aba <i>Sorting and Indexes</i>	53
FIGURA 7 – Tela da aba <i>Etiquetas</i>	54
FIGURA 8 – Tela da microestrutura do verbete	55
FIGURA 9 – Tela da exportação como arquivo <i>doc</i>	55
FIGURA 10 – Versão impressa do glossário	56

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Percentual de UFs por estado	60
GRÁFICO 2 – Percentual de UFs por sexo na área semântica <i>Ciclos da vida</i>	61
GRÁFICO 3 – Percentual de UFs por sexo na área semântica <i>Convívio e comportamento social</i>	62
GRÁFICO 4 – Percentual de UFs por faixa etária na área semântica <i>Ciclos da</i>	63
GRÁFICO 5 – Percentual de UFs por faixa etária na área semântica <i>Convívio e comportamento social</i>	63
GRÁFICO 6 – Números de ocorrências por tipologia estrutural das UFs	65

LISTA DE CARTAS

CARTA 1 – Menstruação – UFs registradas no interior do MA	67
CARTA 2 – Menstruação – UFs registradas no interior do CE	68
CARTA 3 – Entrar na menopausa – UFs registradas no interior do MA	68
CARTA 4 – Entrar na menopausa – UFs registradas no interior do CE	69
CARTA 5 – Pessoa sovina – UFs registradas no interior do MA	69
CARTA 6 – Pessoa sovina – UFs registradas no interior do CE	70
CARTA 7 – Prostituta – UFs registradas no interior do MA	70
CARTA 8 – Prostituta – UFs registradas no interior do CE	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

cf. – Conferir

INF. – Informante

INQ. – Inquiridor

inint. - ininteligível

Km – Quilômetros

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

APFB – Atlas Prévio dos Falares Baiano

CAPES – Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CE – Ceará

COFECUB- Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil

DDB – Dicionário Dialetal Brasileiro

LC – Lexia complexa

LS – Lexia Simples

MA – Maranhão

QFF – Questionário Fonético-Fonológico

QMS – Questionário Morfossintático

QSL – Questionário Semântico-Lexical

QP – Questões de Pragmática

LE – Texto para leitura

PGLetras – Programa de Pós-Graduação em Letras

TDS – Temas para discursos semidirigidos

UF(s) – Unidade(s) fraseológica(s)

VALEXTRA – (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas

1. É HORA DE *DAR À LUZ*: iniciando o percurso dos estudos fraseológicos do Maranhão e do Ceará

Em todas as línguas, o léxico abarca diversas tipologias de estruturas léxicas de que se servem os falantes para suas produções linguísticas. Essas tipologias surgem em diferentes momentos da vida do usuário da língua, de modo a acompanhar suas experiências e relações interpessoais, o avanço do conhecimento, e são usadas nas mais diversas situações cotidianas.

Essa diversidade de elementos que compõe o léxico dá espaço para a existência de unidades linguísticas simples e compostas, que, segundo Biderman (1987, p. 81), “constituem uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Desse modo, o léxico

(...) se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras. (...) À medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou as técnicas e depois as ciências. Assim as comunidades que atingiram tal estágio de civilização precisaram ampliar sempre mais seu repertório de signos lexicais para designar a realidade da qual tomavam consciência, ao mesmo tempo que precisavam rotular as invenções e noções novas desenvolvidas por essas ciências e técnicas. Eis por que o léxico das línguas vivas usadas pelas sociedades civilizadas vive hoje um processo de expansão permanente. (BIDERMAN, 2001a, p, 13-15).

Nesse sentido, o léxico é um sistema aberto, em constante expansão, tanto se considerarmos a perspectiva individual do falante da língua, quanto se considerarmos a perspectiva coletiva da comunidade linguística (BIDERMAN, 2001b). Assim, devido ao avanço do conhecimento e por meio de um processo sociointerativo, dialogal entre os indivíduos, o léxico é um acervo que, a todo momento, recebe a inserção de novas lexias¹, uma vez que o indivíduo compartilha a cultura de seu grupo e usa a língua que com esse grupo constrói.

Estabelecem-se, assim, estreitas relações entre léxico, cultura e sociedade, relações essas que se tornam manifestas na assunção do pressuposto de que a cultura é uma dimensão da sociedade e de sua história e de que a língua é resultante da condição cultural, ou seja, tudo o que o indivíduo fala é reflexo da cultura do grupo social em que se insere.

¹ Convém destacar que o termo lexia é aqui usado segundo a perspectiva de Pottier (1978 [1974]), que entende as lexias como unidades funcionais significativas de comportamento linguístico. Ainda de acordo com o autor, a ideia de lexia engloba tanto as unidades lexicais formadas por uma só palavra, quanto aquelas formadas por mais de uma unidade que se associam.

Segundo Preti (1992, p.93), “o léxico é o campo da língua que melhor espelha a dinâmica social” e, em consonância com essa ideia, as unidades fraseológicas (UFs), na condição de itens lexicais, funcionam, também, como marcadores idiomáticos, por excelência, já que são elementos identificadores da variação linguística e da relação da língua com a cultura particular de um dado país, evidenciando particularidades fraseológicas regionais e socioétnicas (MEJRI, 2017). Assim, a fraseologia de uma língua opera como um modo não só de conhecer aspectos linguísticos, mas também as representações histórico-culturais de um grupo social.

No entanto, apesar do uso frequente de UFs na fala cotidiana e de sua estreita relação com a cultura, os estudos acerca dessas unidades começaram a ganhar força, no cenário acadêmico brasileiro, apenas nos anos 2000. Segundo Xatara (2012, p. 205):

A produção brasileira de obras fraseográficas e/ou paremiológicas monolíngues tem mesmo uma longa tradição, porque estudiosos, sobretudo filólogos, foram os primeiros a lançar suas obras no mercado desse universo a que nos referimos, desde o início do século XX. Mas essa produção principiante não é ainda tecnicamente vinculada à Fraseologia nem à Paremiologia, muitas vezes nem mesmo no título das obras.

Assim, os trabalhos acerca dos dicionários fraseológicos de língua portuguesa apresentam dois possíveis problemas: ou são muito antigos, ou analisam as UFs com uma visão mais folclórica/cultural do que científica, como assinalam Miranda e Marques (2011).

Atualmente, no Brasil, embora ainda considerados recentes, os estudos no âmbito da Fraseologia vêm despertando o interesse de muitos pesquisadores, sendo tema de um número significativo de dissertações e teses, conforme registra Cunha (2012).

Considerando as ideias ora apresentadas, o léxico abarca o objeto de estudo desta dissertação, as UFs, isto é, associações sintagmáticas recorrentes que formam unidades fixas, sequências fixas, e que são o produto, o resultado da Fraseologia² (MEJRI, 1997 e 2012). Optamos por investigar UFs referentes às áreas semânticas *Ciclos da vida* e *Convívio e Comportamento social* nas localidades do interior do Maranhão³ e do Ceará⁴, mais precisamente, nos pontos linguísticos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Em se tratando dos dois estados investigados, ao consultar o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em relação ao Ceará, encontramos dissertações e teses que estudam a

² Neste estudo, usamos inicial maiúscula, quando nos referimos à Fraseologia como disciplina, e inicial minúscula, quando falamos do produto da Fraseologia.

³ Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos, Tuntum e Turiaçu.

⁴ Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral e Tauá.

fraseologia em uma perspectiva mais especializada, como o trabalho intitulado *As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a Libras em discursos de políticos*, de Lemos (2012), e trabalhos que seguem vieses mais lexicográficos, de tradutologia e de ensino, como o de Silva, (2018), intitulado *Proposta de verbetes em dicionário de expressões idiomáticas para estudantes de Português língua estrangeira*, a tese de Pinheiro (2015), *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização*, e a dissertação de Carvalho (2011), *Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*, além de pesquisas em uma perspectiva espanhola, a exemplo da dissertação de Lima (2017), *O sagrado e o profano nos fraseologismos do Português do Brasil*.

Quanto ao Maranhão, encontramos apenas a dissertação de Oliveira (2017), intitulada *Unidades fraseológicas do português em contato com o falar guajajara (Tupi-Guarani)*, e a dissertação de Pereira (2019) *A bomba estourou: fraseologismos de São Luís do Maranhão nos discursos semidirigidos do Projeto ALIB*, um trabalho com foco no falar ludovicense, em que a autora também seguiu a vertente francesa da Fraseologia para examinar dados geolinguísticos. Utilizando os Temas para Discursos Semidirigidos (TDS), momento do questionário em que os informantes estão mais relaxados, Pereira (2019) mostrou que de fato esses discursos propiciam a espontaneidade e, conseqüentemente, a produção e diversidade de UFs.

Propomo-nos, então, investigar a variação fraseológica em municípios do interior do Ceará e do Maranhão, tendo em vista que: (i) “pelo menos 50% do nosso discurso é fraseologia” (MEJRI, 2017), o que significa que, quando falamos, falamos em bloco; (ii) comungamos a ideia defendida por Mejri (2013, *apud* SFAR, 2016) de que a fraseologia “seria a cultura que se incorpora à língua e a língua que se configura segundo os moldes culturais”, o que implica dizer que o aprendizado de uma língua passa necessariamente pelo conhecimento da língua que veicula uma cultura, sendo cultura, no sentido *lato* do termo, o conjunto de crenças compartilhadas, lugares comuns, estereótipos, restrições. Em se tratando da relação léxico e cultura, convém destacar que o léxico “É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.” (FIORIN, 2000, *apud* PRETI, 2003, p. 50); e (iii) há, ainda, uma escassez de estudos sobre a presença de fraseologismos no português falado no Ceará e no Maranhão com base em dados geolinguísticos.

Tivemos como orientação para a pesquisa, as seguintes questões: (i) é produtivo o uso de dados geolinguísticos, em particular do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, para o estudo da

fraseologia?, (ii) qual é a tipologia estrutural mais recorrente nas *unidades fraseológicas* no português falado no Maranhão e no Ceará?, (iii) quais são os fatores sociais favorecedores do uso de *unidades fraseológicas* no português falado no Maranhão e no Ceará?, (iv) os principais dicionários gerais contemporâneos da lexicografia brasileira contemplam as *unidades fraseológicas* catalogadas em dados geolinguísticos?

Cremos que as respostas que buscamos para estas perguntas nos ajudarão a melhor compreender o fenômeno da fraseologia e, ao mesmo tempo, contribuir para minimizar a reduzida produção de trabalhos relacionados com as unidades fraseológicas nos dois estados, e ainda identificar e mapear a variação fraseológica nos municípios investigados além de oferecer subsídios ao projeto *Variação lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às construções pragmáticas* (VALEXTRA⁵).

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar UFs no português falado no interior do Maranhão e do Ceará, nas áreas semânticas *Ciclos da vida* e *Convívio e comportamento social*, com base no *corpus* constituído para o Atlas Linguístico do Brasil. Como objetivos específicos temos: (i) examinar a produtividade das UFs no *corpus* selecionado; (ii) analisar o uso das UFs considerando os eixos diatópico, diassexual e diageracional; (iii) verificar a dicionarização das UFs que compõem o *corpus*; (iv) identificar a tipologia estrutural das UFs documentadas; (v) elaborar cartas com base nas UFs mais produtivas, considerando a diatopia; (vi) elaborar um glossário com as UFs documentadas; (vii) oferecer subsídios para a construção da base de dados do Projeto VALEXTRA.

É importante destacar que a metodologia adotada neste estudo explora a relação entre dois domínios próprios – os atlas linguísticos e a Fraseologia –, o que nos leva a explorar a fraseologia como marcador idiomático identificador de fatos linguísticos e revelador de particularidades fraseológicas regionais e socio étnicas das comunidades pesquisadas.

O ponto de partida para o estudo foi buscar suporte teórico nas ideias de Biderman (2001a; 2001b; 2003) e Vilela (2002), para as questões mais gerais sobre o léxico; Monteiro-Plantin (2014), para as questões relativas à Fraseologia em geral, e de Mejri (1997; 2012; 2017; 2018),

⁵ O Projeto VALEXTRA foi celebrado por meio dos convênios CAPES/COFECUB 651/2008 (primeira fase) e 838/15 (segunda fase), celebrados entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Paris 13 (Laboratório LDI – Lexiques, Dictionnaires, Informatique). O Projeto objetivava explorar os recursos do ALiB e da lexicografia brasileira (tanto no que concerne à lexicografia teórica como à prática), para fazer um inventário das unidades fraseológicas mais frequentes no português brasileiro bem como de suas variantes socioletais.

Gross (1996), Sfar (2016) e Paim, Sfar, Mejri (2018), para tratar de questões relativas à Fraseologia francesa, viés que adotamos neste estudo. Para a Lexicografia, buscamos Medina Guerra (2003), Welker (2004) e Strehler e Gorovitz (2011).

Como trabalhamos com dados geolinguísticos, extraídos do *corpus* do ALiB, buscamos embasamento nos princípios da Geolinguística Pluridimensional, que acomoda os parâmetros diatópicos, diageracionais, diassexuais e diastráticos. Nessa vertente, dão-nos suporte os trabalhos de Cardoso (2008; 2010). Os recursos teóricos e metodológicos disponibilizados pelo Projeto VALEXTRA também subsidiam nosso trabalho.

Buscando alcançar nossos objetivos, organizamos a dissertação em seis capítulos. Neste capítulo introdutório, intitulado “É hora de *dar à luz*: iniciando o percurso dos estudos fraseológicos do Maranhão e do Ceará”, apresentamos, nosso trabalho, sua contribuição para os estudos fraseológicos, tanto no aspecto linguístico quanto social e cultural, além de nossa orientação teórico-metodológica.

No segundo capítulo, “De *casa da ruindade a pão duro*: por que estudar o Maranhão e o Ceará?”, apresentamos um breve histórico dos dois estados investigados, tendo como foco principal os reflexos do fluxo migratório Maranhão/Ceará – Ceará/Maranhão. Buscamos assim oferecer subsídios que justifiquem nossa escolha com relação ao *locus* da pesquisa.

No terceiro capítulo, “Com a *língua solta*: fundamentos teóricos para subsidiar o estudo da fraseologia”, tecemos considerações gerais a respeito do léxico, para então situar a Fraseologia no âmbito desse componente da língua. Fazemos um recorrido, seguindo uma perspectiva diacrônica, por trabalhos que enfocam a Fraseologia, detendo-nos em conceitos, definições e categorias basilares desta área de estudos. Além disso, apresentamos uma breve síntese dos estudos fraseológicos no Brasil.

No quarto capítulo, “*Bebendo água de badalo*: o percurso metodológico”, os quatro tópicos iniciais são dedicados à caracterização da pesquisa, e o último apresenta o programa computacional *Lexique Pro*, ferramenta utilizada para a produção do glossário.

No quinto capítulo, “*Pé de cana e pé duro*: análise das unidades fraseológicas”, analisamos as UFs que compõem o *corpus* deste estudo, considerando sua distribuição nos espaços geográfico e social. A variação fraseológica no eixo diatópico, em se tratando das UFs mais produtivas, é ilustrada por meio de cartas linguísticas.

No sexto e último capítulo, “Chegou a hora de *amarrar o facão*”, apresentamos uma síntese das principais ideias tecidas ao longo do texto assim como dos resultados deste estudo.

Ao final, temos as referências das obras consultadas e mencionadas neste trabalho assim como o apêndice, com o glossário das UFs, e os anexos (ficha da localidade, ficha do informante, declaração para uso dos dados do Projeto ALiB).

O glossário, com um total de 80 UFs, correspondente às questões das áreas semânticas *Ciclos da vida* e *Convívio e comportamento social*, compõe o Apêndice.

2. DE CASA DA RUINIDADE A PÃO DURO: por que estudar o Maranhão e o Ceará?

Neste capítulo, apresentamos as razões que nos levaram a escolher, como *locus* de nosso trabalho, o Maranhão e o Ceará. Para além da escassez de estudos fraseológicos nesses dois estados, nossa motivação primeira se centra na possibilidade de discutir a resignificação cotidiana de identidades e práticas culturais locais que o processo migratório de cearenses para o Maranhão e, em alguns casos, de retorno destes para o seu estado de origem, iniciado no período oitocentista, provocou e que teve/tem reflexo na língua falada em ambos estados.

Fazer, portanto, uma reflexão linguístico-cultural-geográfica constitui-se um tema atraente e de novas descobertas, levando em consideração que, de acordo com Cardoso (2010, p. 178),

Na sua ampla extensão territorial – país continente –, o Brasil apresenta-se como uma terra de grandes contrastes, marcada pela heterogeneidade cultural, social e econômica que se vai refletir, também, na língua portuguesa, hoje majoritariamente falada. A diversidade está, pois, vinculada à diversidade cultural tomada nos seus mais diferenciados aspectos.

Esse vínculo língua/cultura ressaltado por Cardoso (2010) encontra ressonância nas ideias de Houaiss (1980, p. 2), para quem “[...] a linguagem, e as línguas, uma língua, foram, são e serão sempre – enquanto existirem – um fato humano, o que necessariamente implica [...] duas categorias, a social e a cultural.”.

Seguindo essa perspectiva, tomamos o processo migratório de cearenses para o Maranhão como o elemento basilar para compreender a ligação existente entre esses dois estados, tendo em vista os seguintes pontos: (i) o como se constrói uma língua; (ii) ideia de que “a enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras” (MARROQUIM, 1996, p. 9 [1934]); e (iii) a assunção da premissa de que “o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural [...] e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história” (CARDOSO, 2010, p.15).

Para tanto, foi necessário conhecer as causas e as consequências desses movimentos migratórios, embora, nos estudos acerca da história do Maranhão, existam poucos trabalhos específicos sobre a migração de nordestinos para esse estado.

É fato consabido que os ciclos e fluxos migratórios têm uma grande importância e contribuição para a formação de novas identidades. Dentre esses ciclos/fluxos, pesquisadores como Ferreira (2011) e Barboza (2011) destacam a economia extrativista da borracha em direção à Amazônia, o escravismo e as secas periódicas como os principais motivos apontados para a migração de estados vizinhos do Nordeste. Vale ressaltar que esses ciclos/fluxos, de certa forma, se interligam. Em se tratando do Ceará/Maranhão, a percepção da trajetória histórico-cultural é importante para compreender como a língua, sendo um fator de identificação cultural, pode aproximar ou distanciar culturas.

Existem registros que, desde a segunda metade do século XIX, migrantes oriundos do Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e em quantidade expressiva do Ceará deixaram suas terras “em direção à província do Maranhão que servia como passagem e portal de acesso à Amazônia. [...] Ceará e Maranhão estavam nas fronteiras da periferia do poder imperial.” (BARBOZA, 2011, p. 1). A Amazônia, inicialmente, atraía apenas famílias pobres e analfabetas; após certo período, começou a chamar atenção também de intelectuais da classe média que buscavam novas oportunidades em outra região. Brito (2013) assinala que intelectuais jornalistas, funcionários públicos, literatos e estudantes cearenses cansados da vida na Província, pois não tinham dinheiro, nem oportunidades, embarcaram para o Norte, seguindo, principalmente, em direção à Manaus.

Neste período, a população cearense, pobre e livre, e trabalhadores escravizados descendentes de africanos, também, estavam fugindo do escravismo, em virtude do sentimento de ameaça causado pelo tráfico interprovincial, direcionado ao Centro-Sul do País. Na visão dos grandes proprietários, esses trabalhadores representavam a última reserva econômica para a grave crise econômica e social pela qual o Ceará estava passando. Rodolfo Teófilo, em seu livro intitulado *História da seca do Ceará* (1922, p. 361), destaca que,

durante o período de 1874 a 1879, mais de 8.931 escravizados foram comercializados somente no porto de Fortaleza, aproximadamente 28% da quantidade de cativos registrados em 1872. Números que evidenciam o peso do tráfico interprovincial no processo da diáspora (afro)cearense, principalmente porque as negociações alcançaram seu auge durante os anos de seca.

Os jornais cearenses daquela época alertavam para um perigo real: os trabalhadores escravizados se camuflavam na multidão de retirantes livres para tirar proveito da situação e seguir em fuga. Como não havia força policial suficiente, os escravizados obtinham êxito na fuga. Tudo isso se tornava possível, pois “a Amazônia já apresentava condições de refúgio, no decorrer da corrente migratória de trabalhadores pobres livres, impulsionada após 1877, as

tensões senhoriais e as oportunidades de liberdade para os escravizados se multiplicaram.” (BARBOZA, 2016, p.134).

Esses caminhos percorridos por retirantes e negros libertos ou escravizados formaram, portanto, como evidencia Barboza (2016), um verdadeiro *boomerang*, que levou negros do então *Nordeste* junto com retirantes para a área que constituía a *Amazônia* naquela época⁶ e trouxe tantos outros de volta junto com os mesmos retirantes.

Para além disso,

[...] o Ceará desde o período colonial teve ligação significativa com as antigas capitanias situadas a Oeste, especialmente o Maranhão e o Pará. A colonização do Ceará, inclusive, iniciou como parte do esforço da coroa portuguesa de expulsar os franceses do Maranhão, estado ao qual esteve vinculado até a expulsão de invasores holandeses, em meados do Século XVII. Os laços com o Oeste continuaram sendo fortalecidos com a circulação de jesuítas, colonos e comerciantes nos séculos seguintes. (BARBOZA, 2011, p. 2).

Ainda de acordo com Barboza (2011), durante a seca de 1877-1880, mais de cento e quarenta mil pessoas morreram e milhares de cearenses deixaram sua terra natal em busca de novas e melhores condições de vida, tornando a interação com mestiços, africanos e afrodescendentes algo constante. A respeito dessa corrente migratória desencadeada pela seca, o historiador Coelho Netto (1985, p. 197-198) relata o seguinte:

Os jornais maranhenses publicavam informações, algumas delas como esta vinda da cidade do Crato: “Estamos com uma terrível seca em perspectiva, e só Deus sabe quanto nos será doloroso esse flagelo”. Aos poucos espalha-se em toda a província do Maranhão a notícia da situação de calamidade do Ceará. [...] Chegam a causar preocupações maiores os retirantes que abandonam a terra, com fome e sede, em busca de socorro e amparo para viver e trabalhar.

Esse processo migratório e a expressiva ligação do Ceará com as capitanias do Maranhão e do Pará, relação essa, como visto, iniciada e fortalecida no Brasil colonial, geraram um espaço de diversidades, cenário propício à interação, ao diálogo entre indivíduos oriundos de diferentes espaços geográficos e sociais, que, por meio da linguagem, do discurso, construíram/constroem sua realidade social, pois, como destaca Paim (2019, p. 14-15), “os seres humanos constroem o mundo e as pessoas nas circunstâncias culturais, institucionais e históricas nas quais estão situados [...]”. Em suma, como acrescenta a autora, é “[...] a presença do outro com o qual se está engajado no discurso (tanto no modo oral quanto no modo escrito) que, em última análise,

⁶ Os espaços *Nordeste* e *Amazônia* naquela época não correspondem *ipsis litteris* aos espaços que hoje recebem esses nomes.

molda o que se diz, e, portanto, como se percebe a luz do que o outro significa para si.” (PAIM, 2019, p. 15-16).

De acordo com Barboza (2011), os deslocamentos improvisados e a presença constante de centenas de retirantes nas ruas e rios da Província do Maranhão formavam um cenário promissor para o hibridismo de identidades, pois, “[...] durante a seca de 1877-1880, milhares de homens, mulheres e crianças cearenses tiveram que deixar sua terra natal em busca de novas possibilidades de vida. Em seus trajetos e rotas, a imprevisibilidade e a interação com mestiços, africanos e afrodescendentes se tornaram constantes.”.

Os fatos descritos por Barboza (2011) nos levam a pensar no que destaca Paim (2019), ao afirmar que a geografia e a história são fatores que podem explicar fatos observados na língua de uma comunidade, a exemplo de casos de variação linguística, cujo tema é extremamente importante para investigação do nosso objeto de estudo.

Seguindo ainda o viés histórico, vejamos o que relata Coelho Netto (1985, p. 198) acerca do êxodo desses migrantes cearenses, em especial, de Sobral, localidade investigada por nós neste estudo:

Em Sobral, Estado do Ceará, dez mil flagelados invadem a cidade. E assim o êxodo do povo sofrido determina o embarque de levas e levas de retirantes em navios pelo porto de Fortaleza ou em longas caminhadas em estradas poeirentas, ajudados pela caridade pública, rumo ao Maranhão, agora, porque não dizer à terra, senão prometida, mas pelo menos esperada, onde nos vales dos rios iriam encontrar o acolhimento e a nova vida.

Com o deslocamento desses retirantes, o governo começa a adotar medidas com o apoio de políticas imperiais visando à assistência aos migrantes cearenses. A primeira adotada foi a criação de Comissões de Socorro, a partir de setembro de 1877, que “providenciavam alojamento, alimentação, vestuário, remédio e trabalho.” (FARIA, 2001, p.175).

A instrução era de que esses migrantes trabalhassem preferencialmente nas lavouras; caso contrário, seriam encaminhados para o trabalho em obras públicas. As recomendações objetivavam contribuir para sanar a falta de trabalhadores agrícolas e diminuir as despesas com os sustentos dos retirantes, “pois quando ficavam trabalhando apenas em obras públicas, toda a manutenção corria por conta das verbas oficiais.” (FARIA, 2001, p.175).

Quando esse movimento migratório começou a enfraquecer, em torno de 1879, principalmente devido à suspensão das políticas assistencialistas pelo Estado, os retirantes

cearenses tiveram que buscar uma solução para continuar a sobreviver. Segundo Faria (1999, p. 174, *apud* FERREIRA, 2011, p.5),

Em 04 de janeiro daquele ano [1879] o presidente da província instruía o gerente da Companhia de Vapor do Maranhão a não mais receber imigrantes nas cidades costeiras com destino ao Maranhão. Muitos se encaminharam para a Amazônia em busca de trabalho nos seringais. Muitos resolveram voltar para sua terra natal depois que os rigores das secas se amainaram, acredita-se, porém, que a grande maioria tenha se estabelecido mesmo em terras maranhenses.

De acordo com os estudiosos da história do Ceará e do Maranhão, esses migrantes apenas reapareceram em 1932, ano em que ocorreu outra terrível seca, e ocuparam o Maranhão pelo avanço das frentes de expansão litorânea e pastoril⁷. Conforme Trovão (2008, p. 24-25),

Na primeira década do século XX teve início, embora de maneira inicialmente tímida, uma penetração de nordestinos em busca de terras disponíveis e fugindo das secas e da dificuldade de absorção de mão-de-obra no próprio nordeste [*sic*] usaram como “portas” de entrada três lugares, inicialmente por via marítima, cuja entrada se faz pelo porto de Tutóia e as outras duas pelo Vale do Parnaíba, tendo como entradas Floriano e Teresina.

Referidos migrantes encontraram em terras maranhenses aquilo que não tinham no seu Estado de origem: terras abundantes e devolutas, índice pluviométrico satisfatório e solo úmido, graças à cobertura arbórea e à presença constante das chuvas.

A migração de nordestinos devido à seca é atrelada, também, ao fato de que a imprensa apresentava o Maranhão como uma espécie de Eldorado, com características naturais atrativas e com farta disponibilidade de terras devolutas. Para os migrantes, o Eldorado no Maranhão já tinha destino traçado: Pedreiras e Bacabal⁸, conforme observamos a seguir:

Ao efetuar um levantamento prévio na região do Médio Mearim constatei um número significativo de “nordestinos” e de seus descendentes nessa área. Nos seus relatos sobressai novamente a representação do “Eldorado”, que, se na década de 1930 era extensivo ao referente “Maranhão”, na década de 1950 é específica de algumas cidades como Pedreiras e Bacabal. Esse “Eldorado” do Mearim passa a ser tomado como destino almejado pelos migrantes advindos do chamado sertão nordestino (FERREIRA, 2011, p. 9).

A estrada de Ferro São Luís-Teresina também é de grande representatividade para a ascensão das correntes migratórias com destino a Pedreiras e Bacabal, conforme assinala Coelho Netto (1985, p. 373-374):

⁷ De acordo com Trovão (2008), a ocupação do espaço maranhense deu-se através de duas frentes de expansão: a via litorânea e a via pastoril ou sertão. Ainda segundo o autor, “formada pelos portugueses, seus descendentes e pelos índios domesticados, um dos objetivos da frente litorânea foi garantir a ocupação do espaço, e uma de suas tarefas mais árdua foi vencer a resistência dos primitivos donos da terra – os índios.” (TROVÃO, 2008, p. 13). Por sua vez, ao desviar do crescimento das áreas canavieiras que estavam mais próximas do litoral, o pastoreio abriu caminho em direção ao sertão, essa expansão foi caracterizada pela iniciativa privada, isso há 118 anos após a iniciação da expansão litorânea.

⁸ Bacabal é um dos municípios que constitui o *locus* de nosso estudo.

Foi também a estrada de ferro o corredor de desembarque das levas de emigrantes nordestinos que desbravaram e se fixaram na Mata do Nascimento e do Japão⁹, formando os centros de população e de produção no interior dos municípios, no Vale do Mearim, formando cidades como Bacabal, Pedreiras e outras e noutras direções [...].

No ano de 1932, assim como em 1877, o Estado começou a pensar em políticas que pudessem subsidiar a vinda de migrantes atingidos pela seca no sertão de Caicó.

Embora, muitas vezes, essas correntes migratórias tenham se dado pelas grandes secas, alguns entrevistados por Ferreira (2011) apontam que a saída de suas cidades de origem não estava diretamente ligada a essa questão, como vemos no relato a seguir de um migrante cearense: “[...] o pai veio de fogooso. Não tinha precisão de vir não” (FERREIRA, 2011, p. 162).

De acordo com Coelho Netto (1985, p. 198),

O Maranhão recebia assim os nordestinos emigrantes que iriam povoar suas terras, fundar e ajudar crescer povoações, vilas e cidades. Era, por sinal, a primeira colonização eminentemente nacional, autenticamente brasileira, [...] E com ânimo, coragem e esforço fizeram a terra produzir e a nossa gente aumentar.

A Figura 1, a seguir, ilustra esse percurso.

Figura 1 – Rotas principais de deslocamentos dos cearenses



⁹ Mata do Nascimento e Japão correspondem ao conjunto de terras que hoje constituem, respectivamente, os municípios maranhenses Dom Pedro e Pedreiras. Destacamos que Dom Pedro foi uma das cidades maranhenses que teve cearenses como primeiros moradores.

Uma das preocupações de Ferreira (2011), que está em conformidade com o nosso estudo, é pensar a migração do ponto de vista da transformação do espaço e das práticas culturais, o que para nós se torna mais relevante quando essa transformação vai além e se projeta na fala desses migrantes.

As relações sociointerativas entre maranhenses e cearenses discutidas neste capítulo são moldadas pelo meio cultural ao qual cada grupo, maranhenses e cearenses, pertence, o que se reflete diretamente no sistema linguístico, uma vez que “a língua é dinâmica, heterogênea e as variações e as mudanças existentes em um sistema linguístico não ocorrem sem a interferência do falante e muito menos desligada de fatores históricos e socioculturais”(PAIM, 2019, p. 60).

Em síntese, o processo migratório aqui apresentado ocasionou mudanças na realidade social e, conseqüentemente, linguística dos indivíduos de ambos os estados. De fato, essa corrente migratória que se estabeleceu entre o Ceará e o Maranhão, parafraseando Cunha (1977), provocou mudanças no tabuleiro linguístico regional que constitui a área abrangida por esses estados, “[...] contribuindo assim para as transformações pelas quais passa a língua portuguesa em sua vertente brasileira e que são importantes para sua descrição e história.” (RAMOS; BEZERRA; SILVA, 2018, p. 145).

São, pois, estas ideias, conjugadas com o suporte teórico apresentado no capítulo seguinte, que orientaram nosso exame da variação fraseológica.

3. COM A *LÍNGUA SOLTA*: fundamentos teóricos para subsidiar o estudo da Fraseologia

Neste capítulo, enfocamos os pressupostos teóricos que norteiam nosso trabalho, começando pelo léxico, campo em que se insere nosso objeto de estudo. Para isso, fundamentamo-nos nas ideias de Biderman (2001a; 2001b; 2003) e Vilela (1994 e 2002).

Apresentamos ainda a contribuição de Saussure (2000 [1916]) e Bally (1951 [1909]) para os estudos de Fraseologia. Na sequência, trazemos uma breve síntese dos caminhos dos estudos fraseológicos no Brasil, tendo como base os estudos de Ortiz Alvarez (2000; 2012) e Paim, Sfar e Mejri (2018). A vertente francesa da Fraseologia, âmbito em que se situa nosso estudo, é também tema deste capítulo, tendo como suporte os trabalhos de Gross (1996), Mejri (1997; 2012; 2017; 2018), Paim, Sfar e Mejri (2018) e Marques e Mejri (2018) e Cardoso (2008; 2010) dão suporte para as ideias desenvolvidas acerca da interface Dialetoleologia/Geolinguística e Fraseologia.

3.1 Léxico

A Lexicologia, ao lado de áreas como a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, é uma disciplina que se volta para o estudo das línguas, ocupando-se, particularmente, do estudo científico do léxico, o componente da língua mais suscetível a mudanças e a transformações, razão por que tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores. De acordo com Biderman (2001a, p. 13-15),

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. (...) A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras. (...) À medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou as técnicas e depois as ciências. Assim as comunidades que atingiram tal estágio de civilização precisaram ampliar sempre mais seu repertório de signos lexicais para designar a realidade da qual tomavam consciência, ao mesmo tempo que precisavam rotular as invenções e noções novas desenvolvidas por essas ciências e técnicas. Eis por que o léxico das línguas vivas usadas pelas sociedades civilizadas vive hoje um processo de expansão permanente.

O léxico é, portanto, um sistema aberto que se expande à medida que o conhecimento avança. Dessa forma, podemos observar essa expansão tanto no indivíduo quanto na coletividade na qual ele está inserido.

Considerando as ideias ora apresentadas, o léxico abarca, então, as diversas tipologias de estruturas léxicas de que se servem os falantes para suas produções linguísticas. Esse componente é formado de lexias simples (LS) e lexias complexas (LC). Segundo Borba (2003),

as lexias simples são formadas por uma única forma livre, como *casa*, *barco*; as complexas, pela combinação de mais de uma forma livre, como *porta-luvas*, *mal-me-quer*, e as compostas por uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa, como em *desconsolo*, *incontrolável*.

O léxico ocupa um lugar privilegiado por ser o domínio da língua que mais imediatamente reflete a dinâmica social e linguística, dada sua natureza de sistema, que se reporta ao universo referencial. Em síntese:

[...] é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6)

Partimos, neste estudo, do pressuposto de que as unidades fraseológicas, combinações estáveis de palavras cuja função primordial é denominativa, e que apresentam, certa fixidez e significado, são unidades lexicais complexas que integram o léxico da língua. Nesse sentido, as UFs participam do

[...] processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana. As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, caráter de signo e têm por isso uma função nomeadora [...]. Nessa função nomeadora estamos perante uma nomeação secundária, construída a partir de signos “mínimos”. Para esta nomeação secundária, normalmente, existem já nomeações primárias, só que as fraseologias redescobrem novas propriedades que lexicalizam, apontando, nessa redescoberta, sobretudo, para a esfera da expressividade. O que preferencialmente os fraseologismos lexicalizam são, no chamado léxico mental, as emoções, as atitudes, as interpretações subjectivas, os comportamentos, frequentemente com pendor negativo. (VILELA, 2002, p. 171-172).

Na condição de itens lexicais, as UFs funcionam como marcadores idiomáticos, por excelência; é por essa razão que a fraseologia de uma língua opera como um modo não só de se conhecer aspectos linguísticos, mas também as representações histórico-culturais de um grupo social.

Em se tratando das lexias complexas, Borba (2003, p.22) afirma que “alguns estudos abrangentes sobre as LC têm mostrado sua importância seja para a organização de gramáticas pedagógicas seja para a montagem de dicionários de usos.”, visto que as LC, incluindo as UFs, continuam sendo marginalizadas e com registros poucos.

É fato consabido, que o leitor, ao consultar uma obra lexicográfica, em busca de uma LC, nem sempre tem êxito, pois muitas delas ainda não se encontram dicionarizadas.

Considerando essa realidade, nosso trabalho busca contribuir para o registro dessas unidades fraseológicas por meio da produção de um glossário. Para isso, enfocamos a ciência que se ocupa do estudo e produção das obras lexicográficas, a Lexicografia. De acordo com Welker (2004, p.11), o termo lexicografia pode ser entendido em duas perspectivas: (i) prática, isto é, como “a ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários”, e (ii) teórica, ou seja, como “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e ainda a tipologia.”.

No que diz respeito à tipologia de obras lexicográficas, surgem diversos problemas teóricos e práticos para que cheguemos à classificação dessas obras. Entretanto, neste trabalho, tomamos como base os estudos de Barbosa (1996), Welker (2004) e Strehler e Gorovitz (2011), para que possamos delimitar, caracterizar e classificar tais obras. Com o objetivo de descrever as unidades lexicais, as obras lexicográficas dividem-se em: dicionário, vocabulário e glossário.

Os dicionários ou dicionários de língua tratam normalmente de todo o léxico de uma língua. Porém, “circunstancialmente registra os padrões subocultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, giriáticos [...]”, registrando assim, “[...] a linguagem que a comunidade aceita e valoriza.”. (BIDERMAN, 2003, p. 54).

O vocabulário registra os subsistemas da língua. De acordo com Strehler e Gorovitz (2011, p. 42), “[...] é um repertório referente a uma determinada área do conhecimento ou a uma atividade específica. Deve apresentar as definições das unidades [...] e a categoria gramatical à qual pertence.” Normalmente, os vocabulários adotam a ordem alfabética, mas alguns lexicógrafos optam por seguir a ordem sistemática.

Com relação ao glossário, produto deste trabalho, Barbosa (1996, p. 41) afirma ser uma obra que “[...] **deve** recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um único recurso concretamente realizado.” (Grifo original).

Em se tratando da estrutura dessas obras, cabe ressaltar que, dada a sua condição de texto, o texto lexicográfico deve, também, organizar-se com coesão e coerência, de modo que as informações nele apresentadas estejam conectadas entre si. (PONTES, 2009). Desse modo, o

texto lexicográfico parte de uma estrutural global que se organiza em estruturas menores, a exemplo da macroestrutura e da microestrutura¹⁰.

De acordo com Welker (2004, p. 80-81), no âmbito da Lexicografia, o termo macroestrutura apresenta duas acepções: (i) o conjunto das entradas ou nomenclatura e (ii) a forma como a obra é organizada. O autor ressalta, ainda, que o termo vem sendo empregado nos dois sentidos.

A microestrutura, por sua vez, corresponde ao conjunto de informações ordenadas e estruturadas que compõem o verbete e que vêm após a entrada. O verbete, convém destacar, se define como sendo o “conjunto de Entrada + Enunciado Lexicográfico.” (BARBOSA, 1996 *apud* WELKER, 2004, p. 107). O enunciado lexicográfico a que alude Barbosa é o segmento do texto que abarca a definição e as outras informações que explicam o elemento definido, a entrada. Esse conjunto de informações que compõem o verbete pode variar, mas, como assinala Wiegand (1989 *apud* WELKER, 2004, p. 108-109), se voltam, basicamente, para *comentário de forma* (grafia, pronúncia, classe gramatical, flexão, transcrição fonética, marcas de uso) e *comentário semântico* (definição, exemplos, sinônimos, antônimos).

A entrada, segundo Barros (2004, p. 158), “é a síntese morfossintática e léxico-semântica das ocorrências, é o *lema*, a *forma de base* [...]”. Para a produção de uma obra lexicográfica, a entrada deve se apresentar em sua forma infinitiva quando for um verbo; no masculino, quando for um substantivo ou adjetivo, com exceção dos casos em que o feminino seja traço conceptual distintivo. Com relação aos termos complexos, Welker (2004) destaca que devem conservar sua ordem sintagmática normal.

A definição é o enunciado que descreve o conteúdo semântico-conceptual de uma unidade lexical, ou seja, é o conjunto de informações dadas sobre a entrada. Ela pode ainda ser classificada de acordo com o tipo de informação que transmite.

De acordo com Medina Guerra (2003, p. 133) acrescenta que existem regras para redação da definição, quais sejam:

- “1. A unidade léxica não deve figurar na definição;
2. A definição não deve traduzir nenhuma ideologia;

¹⁰ De acordo com Pontes (2009), há lexicógrafos que incluem mais outros níveis na estrutura global ou megaestrutura, como a medioestrutura, onde se situam as remissivas, e o nível denominado *material interposto*, que agrupa ilustrações, tabelas, mapas, diagramas.

3. A definição deve ser elaborada em conformidade com as características da língua de sua época e as palavras com que se codifique devem ser simples, claras e precisas.”¹¹

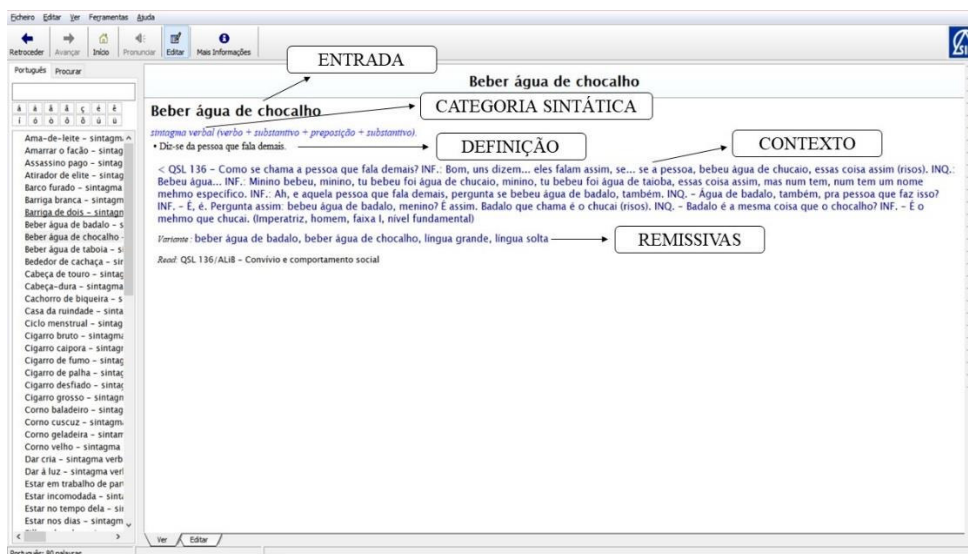
A definição pode ser constituída ainda de diferentes acepções, isto é, cada um dos sentidos que uma palavra possui, em diferentes contextos. Quando há mais de uma acepção, elas geralmente vêm enumeradas e possuem autonomia, podendo ter suas próprias marcas de uso, exemplos, seus sinônimos, antônimos, etc.

Além dos elementos estruturais apresentados, interessam, ainda, para nosso trabalho dois outros: as remissivas e as abonações. As remissivas resgatam as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais que compõem a macroestrutura da obra lexicográfica. Em se tratando de nosso estudo, sua função básica é ligar variantes criando campos semânticos.

Com relação às abonações, que são, de fato, um tipo de exemplificação, vale destacar que não desconhecemos as discussões teóricas que se põem acerca do par *abonação e exemplo*. Entretanto, não pretendemos enfocá-las, pois entendemos que fazê-lo excede os limites que demarcamos para nosso trabalho. Seguindo essa orientação, resta assinalar que a exemplificação que ilustra o emprego da entrada (em se tratando do no nosso glossário, das UFs) foi extraída do nosso *corpus*, não sendo, portanto, construídas, inventadas.

Para fins de ilustração, a seguir, apresentamos a organização da microestrutura do nosso glossário.

Figura 2 – Organização da microestrutura do glossário



¹¹ “1. La unidad léxica no debe figurar en la definición; 2. La definición no debe traducir ninguna ideología; 3. La definición debe participar de las características de la lengua de su época y las palabras con que se codifique han de ser sencillas a la vez que claras y precisas.”

3.2 Fraseologia

3.2.1 A contribuição de Saussure e Bally

O termo *fraseologia* é utilizado tanto para designar o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que estuda tais fenômenos. Para alguns estudiosos e pesquisadores da área, a Fraseologia é vista como uma subdisciplina da Lexicologia (*cf.*, dentre outros, MEJRI, em todas as suas obras citadas neste estudo, e SFAR, 2010), enquanto para outros já tem seu status de independência (*cf.*, RODRIGUEZ, 2004, MONTEIRO-PLANTIN, 2014). É certo que, embora ainda não haja um consenso, “a Fraseologia constitui um estupendo recurso linguístico, do qual os falantes fazem uso em seu cotidiano, em contextos precisos e com objetivos específicos.” (MONTEIRO-PLANTIN, 2014), além de, como uma área de pesquisa, ter como um de seus papéis fundamentais de contribuir para a descrição e o ensino de línguas.

Ao fazer uma revisão da literatura da área, observamos desde os escritos de Saussure, embora nesses escritos não seja usado o termo Fraseologia, reflexões acerca das relações sintagmáticas da língua. Para o linguista “a noção de sintagma se aplica não só a palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras)” (SAUSSURE, 2000, p. 143-144 [1916]). Tais sintagmas são sempre compostos por duas ou mais unidades consecutivas e formam um encadeamento de fala.

Em sua obra *Curso de linguística geral*, Saussure (2000 [1916], p. 144) afirma que existe “[...] um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas”. Essas frases feitas, como menciona Saussure, possuem graus e seu caráter usual depende, por exemplo, de particularidades da sua significação ou de sua sintaxe. Essas expressões, como ressalta o autor, não resulta da improvisação, mas sim da tradição.

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor mostra, ao usar como exemplo a unidade lexical *desejoso*, composta por duas subunidades (*desej* + *oso*), que há nesse agrupamento uma solidariedade sintagmática, isto é, o bloco não é meramente formada de duas partes independentes, mas sim “[...] um produto, uma combinação de dois elementos solidários, que só têm valor pela sua ação recíproca numa unidade superior” (SAUSSURE, 2000, p. 148 [1916]). Esse princípio geral da língua pode também ser aplicado para unidades maiores, pois,

Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos. Esse mecanismo, que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca, se bem que estejam dispostas numa só dimensão. (SAUSSURE, 2000, p. 149 [1916])

Embora, os conceitos fundamentais da disciplina Fraseologia tenham sido difundidos por linguistas soviéticos, o primeiro estudioso a utilizar o termo Fraseologia com o sentido de disciplina científica, sendo assim, considerado o pai da Fraseologia, foi Charles Bally.

Discípulo de Saussure, Bally, em sua obra *Tratado de estilística francesa* (1951 [1909]), inicia a discussão de seu trabalho pela noção de palavra, nos deixando claro que a “[...] nossa memória retém muito mais as palavras em grupo do que as palavras isoladas”¹² (BALLY, 1951, p. 67 [1909]). Assim, a associação de palavras e os agrupamentos são os principais motivos da rápida assimilação de palavras, no que concerne ao aprendizado da língua materna.

Ao discutir acerca do que é uma *palavra* e enfocar problema da delimitação do que denomina *faits d’expression* (*atos de expressão*), Bally (1951, p. 65 [1909]) evidencia a necessidade de estabelecer os contornos desses fatos, isto é, determinar que porções de texto de unidades expressivas corresponder a unidade de pensamento. Para solucionar o problema que se põe quando não há coincidência entre essa delimitação e os limites da palavra, o autor apresenta as seguintes alternativas:

- “1) [...] a palavra, tal como a escrita a apresenta, recobre a unidade de pensamento, o elemento psicológico [...];
- 2) [...] a palavra, formando um bloco do ponto de vista gráfico, abrange duas unidades de pensamento [...];
- 3) [...] a unidade psicológica excede os limites da unidade gráfica e *se expande sobre várias palavras*; a palavra é apenas um elemento da unidade real, que resulta ser uma *locução composta* [...]”¹³ (Grifo original)

Em se tratando dessas três possibilidades, a que mais interessa para nosso estudo é a terceira em que o autor enfoca as unidades compostas. Segundo Bally (1951, p. 65-66 [1909]), “[...] se, em um grupo de palavras, cada unidade gráfica perde uma parte de sua significação individual ou não conserva nenhuma, se a combinação desses elementos se apresenta *sozinha* com um sentido claro, podemos dizer que se trata de uma locução composta.”¹⁴. (Grifo original)

¹² “[...] notre mémoire retient beaucoup mieux les mots en groupes que les mots isolés.”

¹³ “1) [...] le mot, tel que l’écriture le présente, recouvre l’unité de pensée, l’élément psychologique [...];

2) [...] le mot, tout en formant un bloc au point de vue graphique, renferme deux unités de pensée [...];

3) [...] l’unité psychologique excède les limites de l’unité graphique et *s’étend sur plusieurs mots*; le mot n’est qu’un élément de l’unité réelle, qui se trouve être alors une *locution composée* [...]”

¹⁴ “[...] si, dans un groupe de mots, chaque unité graphique perd une partie de sa signification individuelle ou n’en conserve aucune, si la combinaison de ces éléments se présente *seule* avec un sens bien net, on peut dire qu’il s’agit d’une locution composée”.

Bally (1951, p. 66 [1909]) finaliza sua reflexão acerca do problema da ilusão da palavra e da delimitação do que ele denomina fatos de expressão com a seguinte afirmação: “É o conjunto desses fatos que nós concebemos sob o termo geral de **fraseologia** [...]”¹⁵ (Grifo original).

Ao analisar as locuções compostas, Bally (1951 [1909]) observou que alguns agrupamentos podem ser *passageiros*, mas, em virtude da sua repetição, assumem um caráter usual e então formam *unidades indissolúveis*. Há, ainda, de acordo com o autor, entre os polos *agrupamentos passageiros* e *unidades indecomponíveis*, numerosos grupos intermediários, dentre os quais ele destaca as *séries fraseológicas* e as unidades fraseológicas.

As séries fraseológicas, segundo Bally (1951, p. 70 [1909]), também chamadas de grupamento usual, ocorrem “[...] quando os elementos do grupo conservam sua autonomia, mesmo deixando ver uma afinidade evidente que os aproxima, de modo que o conjunto apresenta contornos interrompidos e dá a impressão de já visto”¹⁶. Para exemplificar esse tipo de grupamento, que abarca, dentre outras, as séries de intensidade e as perífrases verbais, o autor cita dois agrupamentos na língua francesa que também ocorrem no português, sob as mesmas condições: *désirer ardemment* (*desejar ardentemente*) e *aimer éperdument* (*amar perdidamente*), em que os advérbios indicadores da intensidade não podem ser intercambiados **désirer éperdument* (**desejar perdidamente*) e **aimer ardemment* (**amar ardentemente*), embora verbos e advérbios, em seu emprego, sejam unidades lexicais perfeitamente independentes, mas o uso já consagrou umas combinações e excluiu outras.

Em se tratando das unidades fraseológicas,

Dizemos que um grupo forma uma unidade quando as palavras que o compõem perdem toda significação e que só têm sentido quando no conjunto; é preciso, além disso, que esta significação seja nova e que não equivala simplesmente à soma dos seus significados dos elementos (o que de resto seria absurdo).¹⁷ (BALLY, 1951, p. 74 [1909])

As contribuições de Bally, considerado o fundador da Fraseologia (*cf.*, dentre outros, TRISTÁ, 1988), estabeleceram os fundamentos teóricos da Fraseologia e abriram caminhos para outros estudos.

¹⁵ “C’est l’ensemble de ces faits que nous comprenons sous le terme général de **phraséologie** [...]”.

¹⁶ “[...] lorsque des éléments du groupe conservent leur autonomie, tout en laissant voir une affinité évidente qui les rapproche, de sorte que l’ensemble présente des contours arrêtés et donne l’impression du ‘déjà vu’”.

¹⁷ “On dit qu’un groupe forme une unité lorsque les mots qui le composent perdent toute signification et que l’ensemble seul en a une; il faut en outre que cette signification soit nouvelle et n’équivalle pas simplement à la somme des significations des éléments (ce qui du reste serait absurde).”

As ideias de Bally foram, portanto, retomadas nas décadas de 30 e 40 do século passado, especialmente na antiga União Soviética, com os trabalhos de Vinogradov, o que levou esse campo científico de pesquisas a firmar-se como disciplina.

Apesar de ser relativamente nova, a Fraseologia já conta com diferentes vertentes, que teorizam sobre a delimitação de seu objeto de estudo, e com pesquisas, que comprovam que os fraseologismos podem revelar “[...] as particularidades de uma língua e a forma de pensar de um comunidade [...], afinal as unidades fraseológicas poderiam mostrar a relação entre identidade e cultura, bem como os contextos que motivam seu uso” (PAIM, SFAR, MEJRI 2018, p. 31), como vimos no capítulo 2.

Nessa perspectiva, a Fraseologia se mostra um conjunto rico, variado e completo, tanto pela sua configuração interna quanto pelas suas múltiplas relações destacando o sociocultural e histórico em que surgem tais unidades, dando a elas, um caráter pluridisciplinar.

3.2.2 Os caminhos da Fraseologia no Brasil: uma breve síntese

No Brasil, como destaca Ortiz Alvarez (2012, p. 359), não eram muito comuns trabalhos no âmbito da Fraseologia. Assim, parte significativa das publicações que surgiam se limitavam “[...] recolher a fraseologia oral de uma localidade ou região, geralmente relacionada com lendas, crendices e anedotas de repertório popular.”.

Nesse primeiro momento, a autora situa obras, dentre as quais se destacam, por exemplo, os trabalhos de João Ribeiro (1908), *Frases Freitas: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios*; Antenor Nascentes (1945), *Tesouro da Fraseologia Brasileira*; Luiz da Câmara Cascudo (1970), *Locuções tradicionais no Brasil*; Raimundo Magalhães Júnior (1974, 3. ed.)¹⁸, *Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos*; Leonardo Mota (1982) *Adagiário brasileiro*.

Foi, então, a partir da década de 1990, conforme assinala Ortiz Alvarez (2012), que os estudos e pesquisas nessa área tomaram impulso, no País, principalmente com a defesa de dissertações e teses e a publicação de artigos em periódicos científicos.

¹⁸ Com exceção da obra de Magalhães Júnior, os trabalhos estão arroladas considerando a data da primeira edição.

No Brasil¹⁹, em geral, os pesquisadores trabalham com a vertente que segue os estudos fraseológicos realizados na Espanha, Rússia, Alemanha, França e em Cuba. Essa vertente, além de se dedicar ao exame das unidades fraseológicas, como definidas neste trabalho, inclui nos seus estudos os provérbios – a sua constituição, o seu uso e sua compreensão pelos falantes de determinada língua –, locuções, gírias, colocações, frases feitas, aforismos. Mais recentemente, com o uso de dados de natureza geolinguística para o estudo de fraseologismos e o desenvolvimento do Projeto CAPES/COFECUB, observamos a produção de trabalhos que seguem a vertente francesa, adotada por Mejri, que circunscreve seu objeto de estudo apenas às unidades fraseológicas. É, nesta última vertente, que se situa nosso trabalho.

Ortiz Alvarez (2000) é considerada uma das maiores estudiosas da Fraseologia no Brasil. Foi a autora que divulgou, aqui, os trabalhos de dois linguistas soviéticos que propiciaram as bases teóricas para as pesquisas em Fraseologia, são eles: Polivánov, que define a Fraseologia como uma disciplina especial da área da linguagem que ocupa, em relação ao léxico, a mesma posição que a sintaxe desempenha em relação à morfologia, e Vinogradov, que foi o primeiro a classificar sincronicamente as UFs do ponto de vista funcional.

De acordo com a autora (2000, p. 90-91) as UFs “são sintagmas indivisíveis semanticamente e compostos por duas ou mais palavras e dependendo de sua estrutura gramatical e de sua função podem até constituir ou abranger orações. Em alguns casos, aceitam a inserção de um elemento sempre que não afete o sentido da frase.”.

3.2.3 A Fraseologia: perspectiva francesa

Em se tratando da Fraseologia seguindo a perspectiva francesa, Mejri (1997) expandiu seus estudos para muito além dos provérbios. Ele se dedicou ao estudo do processo de fixação e adotou como um dos principais critérios para a consideração de um elemento como UF, a polilexicalidade.

Para Mejri (1997), há cinco características essenciais (que serão discutidas mais adiante) para determinar se um elemento constitui uma unidade fraseológica. São elas:

¹⁹ Ortiz Alvarez (2012) e Paim; Sfar; Mejri (2018) apresentam um rol das publicações na áreas dos estudos fraseológicos no Brasil. Ortiz Alvarez apresenta uma lista bastante extensa que contém projetos de pesquisa, livros e capítulos de livros, dissertações e teses; Paim; Sfar e Mejri focam a produção acadêmica da equipe de pesquisadores (Brasil e França) do Projeto VALEXTRA.

- 1) ser formada por mais de um elemento lexical;
- 2) estar institucionalizada devido ao uso;
- 3) possuir estabilidade, pois seus elementos possuem uma certa ordem;
- 4) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas;
- 5) ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Em se tratando da perspectiva francesa, vertente em que se insere este estudo, a fraseologia é entendida como

[...] um fenômeno linguístico que se exprime por meio de associações sintagmáticas recorrentes; a fixação seria então, o processo pelo qual as associações sintagmáticas se realizam. Trata-se de um processo universal próprio às línguas vivas que se inscreve no tempo, se realiza independentemente da vontade dos falantes, atua como fator sistemático no funcionamento das línguas em todos os níveis de seus componentes (léxico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, prosódico, etc). Põe o sintagmático a serviço do lexical fazendo de cada sintagma um candidato potencial para tornar-se uma unidade polilexical.²⁰ (MEJRI, 2012, p. 141).

Considerando as ideias ora apresentadas, a fixação, concebida como um processo universal próprio das línguas vivas, constitui-se como um dos traços também importantes para caracterizar as unidades fixas. De acordo com Mejri (2012, p. 143), uma sequência é tida como fixa “[...] se ela admite uma fixidez total ou parcial de regras da combinatória sintagmática, da comutatividade paradigmática e da composicionalidade semântica.”²¹.

No que concerne à fixação, esta pode se manifestar tanto no plano sintático quanto no semântico, como exemplificamos, a seguir, com a unidade fraseológica *barco furado* extraída de nosso corpus e empregada para denominar *menstruação*:

Quadro 1 – Fixação no plano sintático

Plano sintático	barco	furado	
	um	barco	furado
	barcos	furados	
	barco	pouco	furado

Fonte: Elaborado pela autora.

Na UF *barco furado* (= menstruação), observamos que não há possibilidade, por exemplo, de acrescentar um determinante, flexionar em número qualquer um dos componentes da UF ou

²⁰ [...] au phénomène linguistique que s’exprime à travers des associations syntagmatiques récurrents; le figement serait alors le processus par lequel les associations syntagmatiques se réalisent. Il s’agit d’un processus universel propre aux langues vivantes qui s’inscrit dans le temps, se réalise en dehors de la volonté des locuteurs, agit comme facteur systémique sur le fonctionnement des langues à tous les niveaux de leurs composantes (lexique, morphologie, syntaxe, sémantique, pragmatique, prosodie, etc.). Il met le syntagmatique au service du lexical faisant de chaque syntagme un candidat potentiel pour devenir une unité polylexicale.”

²¹ “[...] si elle connaît une fixité totale ou partielle des règles de la combinatoire syntagmatique, de la commutativité paradigmatic et de la compositionnalité sémantique.

acrescentar um elemento intensificador. Fazendo essas modificações, a UF perderia o sentido com o qual foi empregada pelo falante.

No plano semântico, a fixação manifesta-se por meio da impossibilidade de comutar os elementos das UFs. Segundo Paim, Sfar e Mejri (2018, p. 35), a fixação manifesta-se por meio da propriedade em que determinadas sequências são fixadas de uma só vez, com seu respectivo sentido. Utilizamos a mesma UF *barco furado* para exemplificar essa questão:

Quadro 2 – Fixação no plano semântico

Plano semântico	barco	furado
	canoa	furada
	barco	rasgado

Fonte: Elaborado pela autora.

Como observamos, nesse caso, não dá para comutar, por exemplo, *barco* por *canoa* ou *furado* por *rasgado*, e nem por nenhuma unidade que pertença ao mesmo campo semântico, pois, assim, criaríamos uma forma que não existe como o sentido inicial da UF *barco furado* na língua portuguesa.

Sendo assim,

O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.) Uma sequência (...) comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar.²² (MEJRI, 1997, p. 23).

Há, contudo, como assinala Gross (1996), uma condição necessária, primeira para que se possa examinar a questão da fixação: trata-se da polilexicalidade. Esse termo remete à ideia de uma unidade lexical formada de várias palavras ou de pelo menos duas, que terá o mesmo funcionamento sintático que tem uma unidade monolexical, como é o exemplo da UF *barco furado*, composta por dois elementos, *barco* + *furado*.

Unidades como *barco furado*, são sequências lexicais, que podem ser mais ou menos fixas, constituídas de dois ou mais elementos ou até mesmo de frases inteiras, cujo sentido geralmente é entendido pelo conjunto de seus componentes. Isso implica dizer que não podemos analisar uma UF tomando cada um dos seus componentes isoladamente, pois é o conjunto que

²² Le figement est en effet importante à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employée dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons de mentionner.

dá o sentido. Esse critério, em conjunto com a polilexicalidade, dá o norte para a análise e confirmação de um elemento como unidade fraseológica.

Entretanto existe um problema que cerca a questão da polilexicalidade, é a noção de palavra. Como pontua Mejri (2018, p. 11):

[...] graças às grandes bases de dados lexicais, tomamos consciência de que as unidades polilexicais estão longe de ser marginais; elas são, ao contrário, quantitativamente muito mais importantes que as unidades monolexicais (as palavras). É, por causa desse grande hiato entre essa constatação e a concepção do léxico baseada na noção de palavra que a linguística se priva de novas ferramentas teóricas que permitam chegar-se a um conceito que unifique a descrição e permita fornecer os meios teóricos e aplicados exigidos para sair do impasse[...].²³

Além disso, as UFs apresentam outras características que precisam ser discutidas, uma vez, que são elementos identificadores de tais unidades.

Uma delas é o que Mejri denomina de (in)congruência, noção para a qual precisamos dar atenção, pois se difere do conceito de gramaticalidade. A (in) congruência pode ser aplicada a todos os níveis da língua, principalmente à sintaxe, semântica e pragmática. Em seus estudos, Mejri (2012) destaca que todos os elementos que se encaixam nas regras da combinatória são considerados congruentes, enquanto os que as contraria se tornam incongruentes.

Esse processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória é um critério bastante discutido por Mejri e Sfar. Dessa forma, é incongruente toda sequência que viola as regras de adequação da estrutura sintagmática de formação das sequências fixas. Por exemplo, não podemos usar *canoa furada*, *navio furado* ou *balsa furada*, uma vez que, a formação sintagmática e o uso fixam apenas a forma *barco furado* para denominar *menstruação*. Dessa forma, segundo Paim, Sfar e Mejri (2018, p. 36), “as incongruências podem mensurar o grau de cristalização da sequência, em seu aspecto sintático, semântico, pragmático etc.”.

Então, quando falamos em *fixidez*, *polilexicalidade* e *congruência*, estamos nos referindo às propriedades dos fraseologismos que servem como parâmetros de análise e identificação das UFs nos estudos da perspectiva francesa.

²³ [...] grâce aux grandes bases de données lexicales, on prend conscience que les unités polylexicales sont loin d’être marginales; elles sont au contraire quantitativement beaucoup plus importantes que les unités monolexicales (les mots). C’est à cause du grand hiatus entre ce constat et la conception du lexique fondée sur la notion du mot que la linguistique se prive de nouveaux outils théoriques permettant de disposer d’un concept qui unifie la description et permet de fournir les moyens théoriques et appliqués exigés pour sortir de l’impasse [...].

Outra contribuição dos estudos fraseológicos nessa vertente é a proposta teórica de Mejri da existência de uma terceira articulação da linguagem, o que amplia a concepção vigente que entende a linguagem como duplamente articulada. Em 1949, quando Martinet expôs pela primeira vez a teoria da dupla articulação, afirmou que a linguagem é duplamente articulada em unidades significativas (os monemas) e em unidades distintivas (os fonemas). A primeira articulação está para as ideias e para o nível morfológico; enquanto a segunda está para os sons ou para o nível fonológico.

Essa bipartição da linguagem, segundo Mejri (2018), é insuficiente para explicar a origem e o funcionamento das UFs, uma vez que tais unidades se estruturam com base em elementos que compõem essa bipartição. Com base nisso, Mejri (2018) propôs a terceira articulação da linguagem, que, assim como a dupla articulação proposta por Martinet, também contribui para a economia da linguagem. Seguindo essa linha de raciocínio, assim como acontece entre os fonemas e os monemas na proposta de Martinet, para Mejri, as sequências fixas (nomenclatura por ele adotada para se referir às UFs) constituem outra articulação que se estrutura com elementos da segunda e da primeira articulação e que, de acordo com Mejri (2018, p. 14) que

[...] participa da economia geral do sistema dando a esse sistema uma nova dimensão que não figura nas unidades das duas outras articulações e cuja pertinência fornece ao sistema possibilidades que as unidades inferiores (fonema e morfema) são incapazes de assegurar a si próprias;

- esse tipo de unidade deve englobar todas as configurações possíveis (monolexicalidade e polilexicalidade) respondendo a critérios empiricamente verificáveis;
- as unidades da terceira articulação devem distinguir-se por funções não asseguradas pelas unidades das outras articulações; o que garante a pertinência e mais-valia metodológicas.²⁴ (MEJRI, 2018, p. 14)

Nessa perspectiva, Marques e Mejri (2018, p. 12) apontam que as unidades da terceira articulação possuem três características:

- transportam em seu interior as virtualidades de seu uso gramatical (pertencendo a uma categoria gramatical, construção transitiva ou intransitiva, variação morfológica, etc.) que lhes permite combinar com outras unidades do mesmo grau para formar enunciados completos;
- podem ter diferentes configurações morfológicas: palavras simples, palavras construídas ou unidades polilexicais;
- podem formar enunciados completos lexicalmente saturados como é o caso dos provérbios, as frases fixas e as diversas fórmulas.

²⁴ [...] qui participé à l'économie general du système en apportant une nouvelle dimension qui ne figure pas dans les unités des deux autres articulations et don la pertinence fournit au système des possibilités que les unités inférieures (phonème et morphème) sont incapables d'assurer à elles seules;

- ce type d'unité doit englober toutes les configurations possibles (monolexicalité et polylexicalité) tout en répondant à des critères empiriquement vérifiables;
- les unités de la troisième articulation doivent se distinguer par des fonctions non assurées par les unités des autres articulations; ce qui en garantit la pertinence et la plus-value méthodologiques.

Ainda de acordo com esses autores, é a terceira articulação da linguagem que permite e assegura a renovação lexical, pois

[...] a combinação de morfemas torna o léxico uma entidade por definição aberta, capaz de inventar a qualquer momento, novas unidades para atender às necessidades de denominação, expressão e variação.

A fraseologia intervém no nível dessa última articulação. As unidades polilexicais que ela comporta, compartilham com as demais unidades lexicais as mesmas funções: servem para denominar, prever e estruturar os enunciados. (MARQUES; MEJRI, 2018, p. 13)

Portanto, integrar as UFs com *status* de unidades da terceira articulação representaria um passo fundamental para os estudos fraseológicos, visto que resolveria o problema teórico da noção de palavra, pois permitiria assim analisar a palavra tanto em seu aspecto monolexical quanto polilexical.

3.3 Dialetoлогия/Geolinguística e Fraseologia: um diálogo profícuo

A proposta de cruzar dois domínios – a Dialetoлогия/Geolinguística, materializada nos atlas e a Fraseologia – é muito profícuo, tendo em vista que a fraseologia está onipresente na elaboração de um atlas linguístico (MEJRI, 2017), e que pesquisas na área têm mostrado resultados relevantes.

Os atlas, como “[...] um grande vocabulário dialetal que visa a apresentar, de maneira científica e viva [...] as diferentes variantes de uma palavra ou de uma pequena frase em território mais ou menos vasto.” (CUNHA, 1977, p. 57), nos possibilitam diversas investigações linguísticas fornecendo aspectos do uso real da fala, como indicadores de mudanças, usos que especificam determinada comunidade, renovações lexicais, informações que revelam marcas indenitárias de um falante.

A consolidação dos estudos dialetais contribuiu para que a Dialetoлогия, voltada inicialmente para análise da língua no espaço geográfico, avançasse em direção a uma perspectiva pluridimensional no estudo da variação correlacionando o espaço geográfico com o espaço social. É neste momento/perspectiva que se insere o Projeto Atlas Linguístico do Brasil que segue o viés da Geolinguística Pluridimensional.

O Projeto ALiB, como uma grande base de dados geolinguísticos e “um projeto linguístico [...] que busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro [...]” (PAIM, 2019, p. 77), também proporciona interfaces com diferentes ramos do conhecimento. É essa interface que oferece a projetos, como o VALEXTRA e o Dicionário

Dialetal Brasileiro, a possibilidade de recolher e investigar o léxico em um *corpus* oral de natureza geolinguística.

Considerando que os atlas e a Fraseologia são domínios que assumem o léxico como o componente da língua, por excelência, revelador de valores, crenças, particularidades regionais e socioétnicas de uma comunidade, justifica-se o interesse em explorar a fraseologia em atlas linguísticos.

Ainda como ganhos desse cruzamento, considerando-se as ideias de Mejri (2017), destacam-se os seguintes fatos: (i) o emprego de unidades fraseológicas é mais recorrente na fala do que na escrita, e os atlas recolhem dados de fala; (ii) as interações entre inquiridores e informantes favorecem o surgimento de unidades fraseológicas, seja numa perspectiva geral ou denominativa, principalmente, nos momentos em que o instrumento de coleta dos dados do ALiB se aproxima de uma conversa livre, mais espontânea, como é o caso do Questionário Semântico-Lexical (QSL) e dos Temas para discursos semidirigidos; e (iii) o uso de dados que são recolhidos para os atlas considerando a inserção dos falantes nos espaços geográfico e social propicia a exploração, também no âmbito da fraseologia, da variação nos eixos diatópico e diastrático.

4. BEBENDO ÁGUA DE BADALO: o percurso metodológico

Tendo em vista o objeto deste estudo, as unidades fraseológicas, o desenvolvimento desta pesquisa está vinculado a dois grandes projetos interinstitucionais que contribuíram fundamentalmente para as nossas decisões teórico-metodológicas.

O primeiro se trata do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com sede na Universidade Federal da Bahia, cujo objetivo primeiro é “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística.” (CARDOSO, 2010, p.169).

O segundo é o Projeto Variação lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às construções pragmáticas (VALEXTRA), resultado do convênio CAPES/COFECUB celebrado entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Paris 13 (Laboratório LDI – Lexiques, Dictionnaires, Informatique). O projeto explora os recursos do ALiB e da lexicografia brasileira, tanto no que concerne à lexicografia teórica como à prática, para fazer um inventário das unidades fraseológicas e de suas variantes socioletais mais frequentes no português brasileiro.

Como procedimento inicial, fizemos a seleção bibliográfica de vários materiais, incluindo livros, teses, dissertações, artigos de autores que tratam de questões mais gerais sobre o léxico, como Biderman (2001a; 2001b, 2003) e Vilela (2002); Monteiro-Plantin (2014) para questões relativas à Fraseologia, de um modo geral; Mejri (1997; 2012; 2017; 2018), Sfar (2016), Gross (1996) e Paim, Sfar e Mejri (2018), para tratar das questões relativas à Fraseologia francesa. Como a pesquisa segue os princípios da Geolinguística Pluridimensional, buscamos Cardoso (2010). Medina Guerra (2003), Welker (2004) e Paim, Sfar e Mejri (2018) nos deram suporte para as questões referentes à lexicografia, em especial a dicionarização e produção do glossário.

Partimos, então, para a etapa de seleção do *corpus* no interior do Maranhão e do Ceará, estados que fazem parte da rede de pontos linguísticos do ALiB. Para elaboração deste trabalho, foram consideradas as respostas obtidas por meio da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL).

O QSL é composto por 202 questões, distribuídas por 14 áreas semânticas. As questões foram formuladas seguindo a orientação onomasiológica e objetivam registrar a fala coloquial do falante com as formas mais gerais de emprego. Foram ainda incluídas “perguntas referentes

a formas que se revelaram de interesse do ponto de vista lexical nos atlas publicados.” (CARDOSO *et al*, 2013, p. 42).

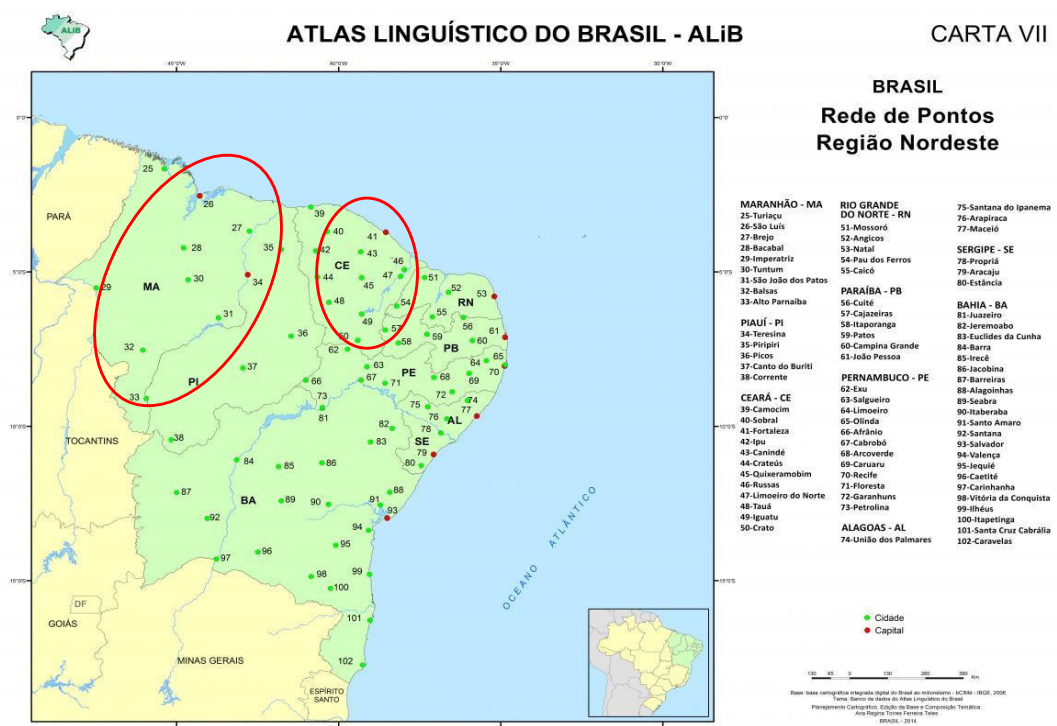
A análise dos dados foi feita com base nas orientações teóricas que dão suporte a este estudo, para posterior elaboração do glossário das UFs coletadas (Apêndice). O glossário, que segue a proposta de Paim, Sfar e Mejri (2018), conta com uma microestrutura composta por entrada, categoria sintática com a indicação de sua estrutura, definição, contexto e variante.

4.1 O *locus* da pesquisa

Como discutido no capítulo 2, da rede de pontos linguísticos do projeto ALiB, selecionamos o Maranhão e o Ceará, tendo como objetivo verificar a produtividade das UFs considerando a diatopia e a relação histórica entre esses dois estados.

O mapa a seguir apresenta a rede de pontos do ALiB da região Nordeste com destaque para os dois estados investigados.

Figura 3 – Rede de pontos ALiB



Fonte: CARDOSO, S. *et al*. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

Dos 217 municípios do Maranhão, 9 integram a rede de pontos do ALiB. Com relação ao Ceará, dos 184 municípios do Estado, 12 integram a rede de pontos. Destes apenas os situados

no interior dos Estados são objetos do nosso estudo. A seguir, apresentamos informações²⁵ sobre as oito localidades maranhenses investigadas.

✚ Alto Parnaíba – É o município mais distante da capital maranhense, São Luís. Está localizado na mesorregião Sul Maranhense e tem sua população²⁶ composta de 11.168 habitantes e uma área de 11.132,176 km². A atividade econômica do município é voltada para a agricultura, e principalmente para o extrativismo de madeira e carvão vegetal.

✚ Bacabal – Está na mesorregião Centro Maranhense, com uma população de 104.633 habitantes e área territorial de 1.683,073 km². Suas principais atividades econômicas se concentram na agricultura, na pecuária e no extrativismo de babaçu e carvão vegetal.

✚ Balsas – Localizado na mesorregião Sul Maranhense, com uma população de 93.826 pessoas e uma área de 13.141,757 km². Sua economia é formada pela agroindústria de grãos e comércio, tendo como a principal atividade o cultivo de soja.

✚ Brejo – Localizado na mesorregião Leste Maranhense, o município tem uma população de 36.139 habitantes e conta com uma área territorial de 1.074,236 km². Sua economia é baseada na agricultura, na pecuária e no extrativismo do babaçu, além da atividade industrial da farinha de mandioca e comércio varejista de pequeno porte.

✚ Imperatriz – Localizado na mesorregião Oeste Maranhense, é considerado o segundo município mais populoso do Estado, com uma população de 258.016 habitantes e uma área territorial de 1.368,988 km². Sua economia é baseada na agricultura, na pecuária, no extrativismo e na aquicultura, conta com indústrias, além de comércio e transporte de serviços que abastece mercados locais.

✚ São João dos Patos – Localizado na mesorregião Sul Maranhense, tem uma população de 25.860 habitantes e uma área territorial de 1.482,661 km². Sua economia é bastante variada, tendo como principal atividade de renda a produção artesã de bordados, a indústria de bebidas e beneficiamento de grãos e frutas.

✚ Tuntum – Localizado na mesorregião Centro Maranhense, com uma população de 41.621 pessoas e uma área territorial de 3.369,120 km². Sua economia é baseada na agricultura, na pecuária e no extrativismo, conta com indústrias e exportação de babaçu, arroz, milho, madeira e álcool hidratado.

²⁵ Todas as informações foram retiradas do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - <https://ww2.ibge.gov.br/home/>, dos sites oficiais das prefeituras dos municípios e das Fichas das Localidades que foram preenchidas quando da aplicação dos inquéritos.

²⁶ Os dados populacionais de todos os municípios correspondem à estimativa do IBGE relativa a 2018.

✚ Turiaçu – Localizado na mesorregião Oeste Maranhense, com uma população de 35.497 habitantes, tem uma área de 2.592, 173 km². Turiaçu tem sua economia baseada na agricultura, na pecuária, além de atividades de mineração e de comércio varejista de pequeno porte e gêneros alimentícios.

Assim como no Maranhão e em outros estados que integram a rede de pontos linguísticos do ALiB, todas as localidades selecionadas no Ceará para compor essa rede de pontos seguiram critérios demográficos, históricos e culturais, além de se considerar a extensão de cada Estado/região.

Apresentamos, a seguir, informações sobre as 11 localidades cearenses investigadas que compõem juntamente com o Maranhão o *locus* de nosso trabalho.

✚ Camocim – Localizado na mesorregião Noroeste Cearense, tem uma população de 63.408 habitantes e área de 1.128,894 km². Com relação à economia, destacam-se a agricultura com a extração de sal marinho, a pesca, além da colheita de caju, arroz sequeiro, mandioca e feijão; na pecuária encontra-se a criação de bovinos, suínos e aves; outro ponto econômico importante é a presença de 20 empresas industriais.

✚ Canindé–Localizado na mesorregião Norte Cearense, tem uma população de 78.049 pessoas e área de 3.218,481 km². Destacam-se a agricultura de algodão, banana, milho, feijão e mamona; a pecuária de bovinos, suínos e aves; piscicultura, além do turismo religioso.

✚ Crateús – Localizado na mesorregião Sertões Cearenses, tem uma população de 74.982 pessoas e área de 2.985,152 km². A economia local é baseada no setor industrial, na agricultura de algodão, feijão, milho, mamona, cana-de-açúcar, castanha de caju e frutas diversas; na pecuária de bovinos, ovinos, caprinos, suíno e aves, além do extrativismo vegetal para a fabricação de carvão vegetal; a atividade pesqueira é desenvolvida de forma rudimentar, nos açudes; o artesanato de redes, chapéus-de-palha e bordados também representa uma importante fonte de renda.

✚ Crato – Localizado na mesorregião do Sul Cearense, tem uma população estimada em 132.123 pessoas e área de 1.176,467 km². A economia local é baseada na agricultura de feijão, milho, mandioca, arroz. Faz parte também da fonte de renda da população, o artesanato, a mineração, o cultivo de hortaliças e de diversas frutas.

✚ Iguatu – Localizado na mesorregião Centro-Sul Cearense, tem uma população de 103.255 pessoas e área de 1.029,214 km². Fazem parte da deliciosa produção local a banana, o feijão, o milho e o arroz; a pecuária de bovinos, suínos e aves complementa o quadro de produção. Destaca-se ainda a presença de 70 indústrias.

✚ Ipu—Localizado na mesorregião Noroeste Cearense, possui uma população de 41.873 pessoas e área de 629,315 km². Sua base econômica concentra-se na agricultura e na pecuária.

✚ Limoeiro do Norte – Localizado na mesorregião Jaguaribe, tem uma população de 59.278 pessoas e área de 750,068 km². Sua economia está em crescimento: o município apresenta 40 indústrias e o setor terciário representa a maior atividade econômica limoeirense. O município tem uma rica história, arquitetura, gastronomia e muitas belezas naturais.

✚ Quixeramobim – Localizado na mesorregião Sertões Cearenses, tem uma população de 79.081 pessoas e uma área de 3.275,625 km². O município caracteriza-se por ter a segunda maior produção leiteira do estado do Ceará. Nos últimos 20 anos, vem experimentando um grande progresso econômico com a chegada de indústrias.

✚ Russas—Localizado da mesorregião Vale de Jaguaribe, tem uma população de 76.884 pessoas e uma área de 1.590,257 km². É um importante polo econômico do Vale do Jaguaribe. A economia russana é baseada em movimentado comércio, prestação de serviços, agronegócio de frutos tropicais com o projeto Tabuleiro de Russas, e indústrias. Conta com um grande polo ceramista, com mais de 100 indústrias instaladas, sendo o maior produtor de telha colonial do Nordeste.

✚ Sobral— Localizado na mesorregião do Noroeste Cearense, tem uma população de 206.644 pessoas e uma área de 2.122,898 km². Apresenta-se como o mais significativo referencial de crescimento e desenvolvimento econômico do interior do Estado, tendo como ponto de partida para esse crescimento a instalação de indústrias e de um vigoroso sistema educacional e de serviços na área da saúde.

✚ Tauá – Localizado na mesorregião Sertões Cearenses, tem uma população de 58.517 pessoas e uma área de 4.018,162 km². É o segundo maior município cearense em área territorial, destacando-se no setor da aquicultura com a criação de tilápia.

4.2 Os informantes

O ALiB tem na composição do seu corpo de informantes 1.100 sujeitos, sendo quatro por localidade, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias, 18 a 30 anos, e 50 a 65 anos, e pelos dois sexos, homens e mulheres, com ensino fundamental, tendo cursado até no máximo o 7º ano. Apenas nas capitais dos Estados, o ALiB incluiu mais quatro informantes, todos com ensino superior, igualmente estratificados por sexo e faixa etária. Esses informantes devem ser naturais da localidade investigada, não tendo dela se afastado por mais de 1/3 de suas vidas. O Quadro 1, a seguir, mostra a distribuição dos informantes deste estudo.

Quadro 3 – Estratificação dos informantes

Informantes	Faixa etária	Sexo	Escolaridade
Informante 1	18-30 anos	masculino	ensino fundamental
Informante 2	18-30 anos	feminino	ensino fundamental
Informante 3	50-65 anos	masculino	ensino fundamental
Informante 4	50-65 anos	feminino	ensino fundamental

Fonte: Elaborado pela autora com base em Comitê ALiB (2001)

A pesquisa contempla, ao todo, 76 informantes, sendo 32 do Maranhão e 44 do Ceará.

4.3 O instrumento de pesquisa – o Questionário Semântico-Lexical

O Projeto ALiB utiliza como instrumento de coleta de dados três tipos de questionários linguísticos: o QFF - Questionário Fonético-Fonológico, que possui 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; o QSL - Questionário Semântico-Lexical, com 202 perguntas e o QMS - Questionário Morfossintático, que contém 49 perguntas, acrescidos de QP - Questões de pragmática (quatro perguntas), TDS - Temas para discurso semidirigidos (quatro temas - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), PM - Perguntas metalinguísticas (seis perguntas) e LE - Texto para leitura (“Parábola dos sete vimes”).

Para a realização deste estudo, fizemos o recorte de duas áreas semânticas do QSL, que tem suas 202 perguntas distribuídas em 14 áreas semânticas. São elas: Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempos, Atividades agropastoris, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convívio e comportamento social, Religião e crenças, Jogos e diversões infantis, Habitação, Alimentação e cozinha, Vestuário e acessórios e Vida urbana. (Comitê ALiB, 2001).

O QSL seguindo uma orientação onomasiológica procura “[...] documentar a variação diatópica, buscando denominações de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos [...]” (CARDOSO *et al* 2014, p. 85).

4.4 A Constituição do *corpus*

O levantamento do *corpus* foi feito apenas em duas áreas semânticas do QSL *Ciclos da vida*, questões de 121 a 136, e *Convívio e comportamento social*, questões de 136 a 146 por meio das respostas obtidas com a aplicação do questionário. Essas duas áreas semânticas foram escolhidas por apresentarem uma grande produtividade em termos do uso de UFs no processo

denominativo. Para além disso, essas duas áreas têm uma tendência maior ao aparecimento de UFs, uma vez que, tematizam aspectos da cultura. Nos Quadros 4 e 5, estão as perguntas que integram as duas áreas.

Quadro 4 – Área semântica *Ciclos da vida*

CICLOS DA VIDA
121. As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
122. Numa certa idade acaba a/o ____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher ____.
123. Como se chama a mulher que ajuda a criança nascer?
124. Chama-se a ____ (cf. item 123) quando a mulher está para ____.
125. Como se chama duas crianças que nasceram no mesmo parto?
126. Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve ____.
127. Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela ____?
128. Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?
129. O próprio filho da ____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?
130. Como se chama a criança que não é filho do casal, mas que é criada por ele como se fosse?
131. Como se chama o filho que nasceu por último?
132. Criança pequenina, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
133. E se for do sexo feminino, como se chama?
134. Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?
135. Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

Fonte: Elaborado pela autora com base em Comitê ALiB (2001)

Quadro 5 – Área semântica *Convívio e comportamento social*

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL
136. Como se chama a pessoa que fala demais?
137. Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?
138. Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?
139. Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?
140. Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?
141. Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?
142. Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?
143. Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?
144. Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?
145. Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?
146. Como se chama o resto do cigarro que se joga fora?

Fonte: Elaborado pela autora com base em Comitê ALiB (2001)

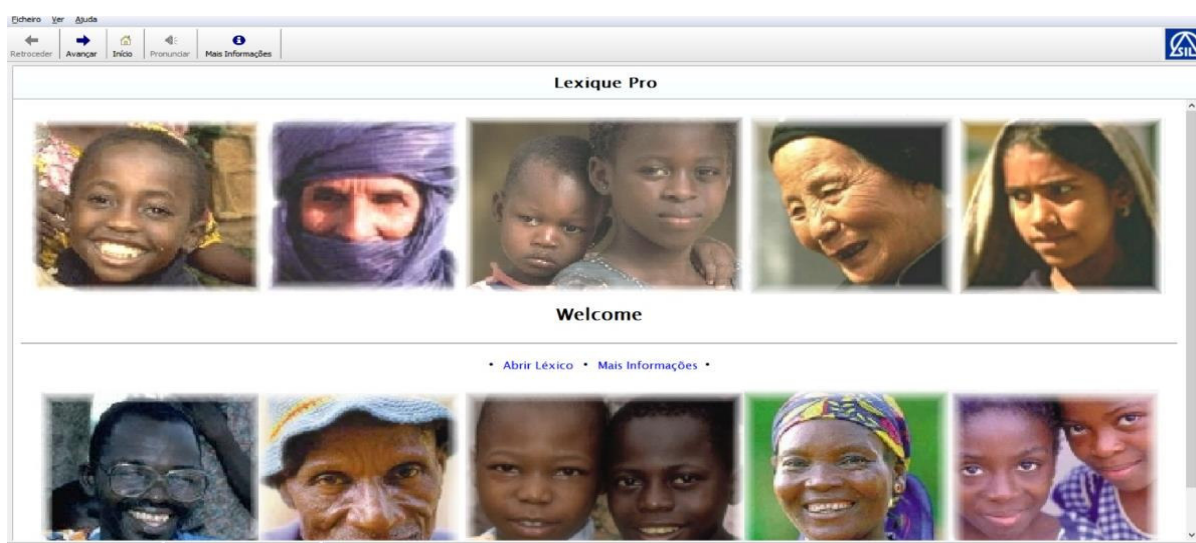
Das 26 questões analisadas, em seis delas (123, 126, 132, 133, 135 e 143), os informantes não usaram UFs para denominar os conceitos que lhes foram apresentados. Desse modo, nosso

corpus corresponde às respostas de 20 questões, por meio das quais obtivemos um total de 80 UFs

4.5 Programa Computacional: *Lexique Pro*

O uso do *Lexique Pro*²⁷, como recurso computacional, possibilitou a edição, organização e produção do glossário das unidades fraseológicas catalogadas. É um programa “que permite criar, editar e manipular banco de dados lexicais e construir glossários e dicionários eletrônicos em sua própria plataforma.”. (LIMA; MARTINS, 2014, p.257).

Figura 4 – Tela inicial do programa

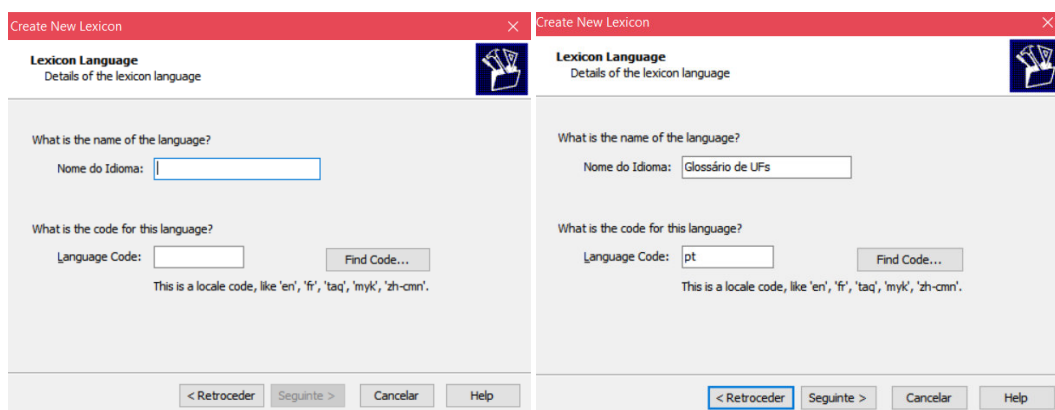


De acordo com Lima e Martins (2014, p. 260), “a tarefa do pesquisador consiste em alimentar o banco de dados com as informações lexicológicas ou terminológicas, inserindo-as em locais pré-estabelecidos, utilizando etiquetas, também pré-estabelecidas”; por isso trata-se de um recurso muito utilizado em pesquisas atuais, uma vez que o *software* otimiza o trabalho dos pesquisadores.

Ao abrir o *Lexique Pro*, o pesquisador tem a possibilidade de atribuir um nome que será usado como título da obra lexicográfica que quer elaborar (*Nome do Idioma*), além de colocar o código utilizado para especificar a língua ou línguas que serão usadas na elaboração de sua obra (*Language Code*).

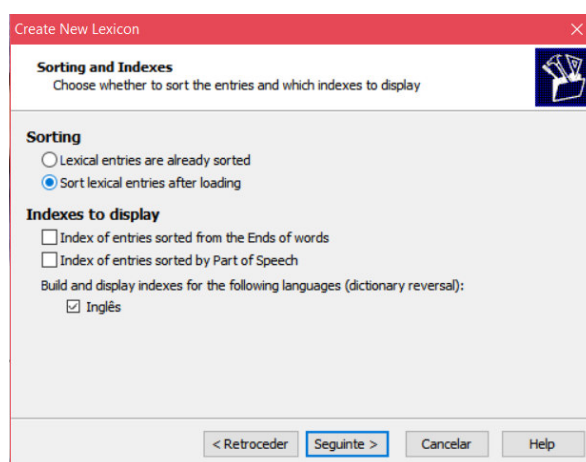
²⁷ O programa *Lexique Pro* é disponibilizado gratuitamente no site: <http://www.lexiquepro.com/download.htm>

Figura 5 – Tela da aba *Lexicon Language*



Uma vez que o pesquisador esteja criando um novo banco de dados por meio do programa e para que assim organize as entradas em ordem alfabética²⁸, deverá marcar a segunda opção no item *Sorting*, como vemos na Figura 6.

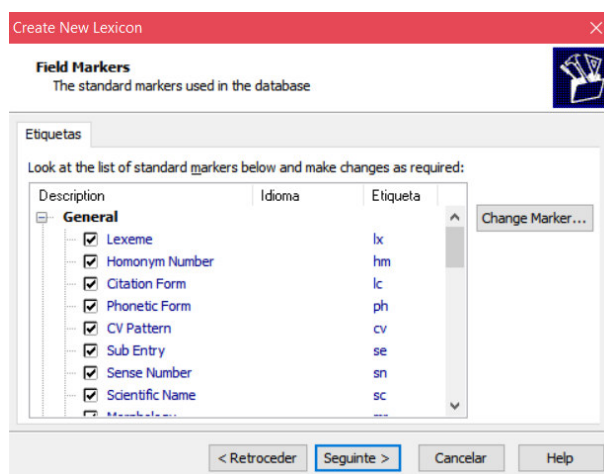
Figura 6 – Tela da aba *Sorting and Indexes*



Na elaboração de obras lexicográficas, uma das principais tarefas que antecede o uso do *Lexique Pro* é a construção do banco de dados, banco esse que será organizado por meio do gerenciador de tarefas denominado Etiqueta. Considerando a natureza do nosso trabalho, os dados foram organizados em uma tabela EXCEL para posterior alimentação do programa.

O *Lexique Pro* oferece um conjunto de etiquetas que funcionam como códigos e servem “para que as informações inseridas no programa sejam organizadas em seus devidos campos.” (LIMA; MARTINS, 2014, p.261).

²⁸ Considerando o arquivo gerado pelo programa computacional, as UFs são organizadas em ordem alfabética e as que possuem parênteses são ordenadas para o final do glossário.

Figura 7 – Tela da aba *Etiquetas*

Como comentado, é por meio das etiquetas que os dados são inseridos no banco de dados. Na Figura 7, podemos observar que essas etiquetas já são pré-definidas, cabendo ao pesquisador escolher as que serão usadas, para que assim o programa organize a microestrutura dos verbetes.

Para o glossário, produto deste trabalho, selecionamos as etiquetas de acordo com as informações que consideramos pertinentes incluir no verbete, para uma melhor compreensão das UFs catalogadas. No Quadro 6, apresentamos essas etiquetas.

Quadro 6 – Etiquetas selecionadas para microestrutura dos verbetes

Etiqueta	Campos do verbete	EXEMPLOS
\lx	Entrada	Mão de vaca
\ps	Categoria sintática ²⁹	Sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)
\de	Definição	Aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro.
\xv	Contexto ³⁰	<INQ.: Como se chama aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro? INF.: Mão de vaca (Sobral, homem, faixa I, fundamental)>
\va	Variante	pão-duro, mão de bebê, mão-fechada
\bb	Bibliografia	QSL 138/ALiB – Convívio e comportamento social – (040) Sobral/Ceará

Fonte: Elaborada pela autora com base em Lima e Martins (2014)

Após a seleção das etiquetas, o verbete ficou assim estruturado, como vemos na Figura 8.

²⁹ Neste trabalho, optamos por usar o termo *categoria sintática* em lugar de *categoria gramatical*, uma vez que, de acordo com Dubois *et al* (1993, p. 102), essa categoria “define os constituintes segundo seu papel na frase.”, e engloba as categorias sintagmáticas como sintagma nominal, sintagma verbal. (TRASK, 2004).

³⁰ O contexto vem entre parênteses angulares. A UF é indicada em negrito.

Figura 8 – Tela da microestrutura do verbete



Na Figura 9, temos outro recurso interessante e bastante útil: uma vez elaborada a obra lexicográfica eletrônica, o pesquisador pode gerar uma versão dessa obra em formato *doc*, em que todos os dados estão organizados em conformidade com o que foi previamente definido para a versão eletrônica.

Figura 9 – Tela de Exportação como arquivo *doc*

Já com o documento em *word*, é possível, ainda, fazer alterações e correções no próprio documento.

Como podemos observar, o *Lexique Pro* possui um sistema bastante inteligente, sendo possível, também, fazer o uso de imagens e sons. Assim, esse “[...] novo modo de construir glossários e dicionários. [...] é mais rápido, barato, eficiente e confiável.”. (LIMA; MARTINS, 2014, p. 277). Entretanto, neste estudo, optamos por não utilizar a função que nos possibilita inserir imagem e som.

A partir da criação do nosso modelo no programa *Lexique Pro*, o verbete da versão impressa do glossário de unidades fraseológicas ficou com a seguinte visualização:

Figura 10 – Versão impressa do glossário

Ama-de-leite

Beber água de badalo

A – a

Ama-de-leite *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que amamenta a criança quando a mãe verdadeira não tem leite. < QSL 128 – Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? INF.: **Ama-de-leite**. INQ.: Isso! Mas como é? INF.: Ama-de-leite. (Ipu, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante : **mãe de leite**. Read: QSL 128/ALiB – Ciclos da vida

Amarrar o facão *sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)*. Período em que a mulher para de sangrar todos os meses. < QSL 122 – INQ.: Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____. INF.: **Marrô o facão**. INQ.: Como é? INF.: Marrô o facão. (Alto Parnaíba, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante : **virar homem**. Read: QSL 122/ALiB – Ciclos da vida

Assassino pago *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que é paga para matar alguém. < QSL 140 – INQ.: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? INF.: Assassino? INQ.: Mas ela é paga para matar alguém, então ela é? INF.: Mandante. INQ.: Mandante? INF.: Sim. INQ.: Mas ela é mandada para matar alguém, como é que você chama? Ela é paga para matar alguém. INF.: **Assassino pago**. (Crato, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante : **atirador de elite; matador de alguel; pau-mandado**. Read: QSL 140/ALiB – Convívio e comportamento social

5. *PÉ DE CANA E PÉ DURO*: análise das unidades fraseológicas

Neste capítulo, que trata da análise dos dados, apresentamos os resultados da pesquisa, por meio de cartas e gráficos. Os gráficos contemplam a análise diasssexual e diageracional das UFs e, ainda, a tipologia estrutural dessas unidades. As cartas apresentam as questões mais produtivas, sob a perspectiva da distribuição diatópica das UFs nas localidades investigadas.

Como pontuamos no capítulo que trata dos princípios que norteiam a Fraseologia francesa e das características das UFs, neste momento do trabalho, apoiamo-nos nesse suporte para realizar nossa análise e alcançar os resultados.

Seguindo essa linha, o exame dos dados do Projeto ALiB mostra as 80 UFs encontradas e veiculadas pela língua falada pelos informantes do interior do Maranhão e do Ceará, tais UFs são apresentadas a seguir.

Quadro 7 – Unidades fraseológicas catalogadas

Unidades fraseológicas catalogadas			
Ama de leite	Cigarro grosso	Fumo-de-rolô	Mulher de programa
Amarrar o facão	Ciclo menstrual	Ganhar a criança	Mulher fácil
Assassino pago	Corno baladeiro	Ganhar bebê	Pão-duro
Atirador de elite	Corno cuscuz	Ganhar menino	Pau-d'água
Barco furado	Corno geladeira	Garota de programa	Pau-mandado
Barriga branca	Corno velho	Irmão (por parte) de leite	Pé-duro
Barriga de dois	Dar à luz	Irmão de criação	Pé inchado
Bebedor de cachaça	Dar cria	Língua grande	Pé-de-cana
Beber água de badalo	(Estar) de bode	Língua solta	Perder a criança
Beber água de chocalho	Estar em trabalho de parto	Mãe adotiva	Período menstrual
Beber água de taboia	(Estar para) ganhar neném	Mãe de criação	Ponta de cigarro
Cabeça de touro	Estar incomodada	Mãe-de-leite	Sem vergonha
Cabeça-dura	Estar no tempo dela	Mão de vaca	Ter a criança
Cachorro de biqueira	Estar nos dias	Mão duro	Ter filho
Casa da ruindade	Filho adotado	Mão-fechada	Ter neném
Cigarro bruto	Filho adotivo	Matador de aluguel	Ter o bebê
Cigarro caipora	Filho criado	Mau pagador	Toco de cigarro
Cigarro de fumo	Filho de criação	Mente fechada	Vida fácil
Cigarro de palha	Fim-de-rama	Moça da vida	Vira-lata
Cigarro desfiado	Fumo brabo	Mulher da vida	Virar homem

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas UFs, como pontua Mejri (1997), revelam que os falantes fazem uso dessas estruturas pré-fabricadas para responder, neste caso, às perguntas feitas que recobrem as áreas semânticas escolhidas para este estudo. Selecionamos algumas UFs para contextualizar os nossos dados.

Ama de leite

(128)

INQ.: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

INF.: *Ama do leite?*

INQ.: É isso? Como é que você chamaria?

INF.: Ama do leite.

(Ipu, mulher, faixa I, nível fundamental)

Amarrar o facão

(122)

INQ.: Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____

INF.: No interior dizia que marrava o facão, né?! Fulano *marrô o facão*, virô homem. (risos). Não, não... O pessoal do interior é uma graça. INQ.: Então, é por isso que diz amarrar o facão, virou homem. INF. - É, justo... Não menstrua mais. Tendeu? “Fulano marrô o facão... pronto, não menstrua mais.”. Eu falo é lá em casa é muito pros meninos... “eu tô com o facão amarrado”. Os meninos: “Mãe, que isso?” Não menstruo mais, eu tirei o útero tem mais de dez anos, eu sempre falo pros meninos... “mamãe tem cada coisa”. Porque os jovens de hoje não sabem o que é isso, não. INQ.: E os jovens aqui como é que dizem hoje? INF.: Não, menstruada. Lá em casa minhas meninas tem cólica...

(Imperatriz, mulher, faixa II, nível fundamental)

Dar à luz

(124) Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____.

INF.: *Dá à luz.*

INQ.: Tem outro nome?

INF.: *Parí.*

(Crateús, homem, faixa I, nível fundamental)

Filho adotivo

(130) A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse?

INF.: Adotivo... *Filho adotivo*... Inclusive, eu, eu criei um.

INQ.: O senhor tem um filho adotivo?

INF.: Eu criei um.

INQ.: Eu acho muito bonito quem (inint.).

INF.: É. Só que ele é uma pessoa, assim, ele... A família dele é toda, assim meia desmantelada e ele também nasceu do mesmo... Eu tenho pena dele, sinceramente. Todo dia eu oro a Deus para vê se Deus melhora. INQ.: Tá com o senhor até hoje? INF.: Não.

Ele foi..., passou uns onze anos em São Paulo, aí voltou pra cá. Aí, ele bebe, ele fuma, e.... Desmantelado (...)
(*Balsas, homem, faixa I, nível fundamental*)

Mão-fechada

(138) Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

INF.: Sovino.

INQ.: Tem mais outras? Pode dizer...

INF.: Sovino, *mão-fechada*...

INQ.: Mais alguma?

INF.: Miserávi.

(*Canindé, homem, faixa I, nível fundamental*)

Mulher da vida

(142) Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?

INF.: Chama rapariga.

INQ.: Tem algum outro nome?

INF.: Eh... rapariga, *mulher da vida*.

(*Tuntum, homem, faixa II, nível fundamental*)

Pé-duro

(145) Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

INF.: Eh... Pé-duro.

(*Limoeiro, mulher, faixa I, nível fundamental*)

Pé inchado

(144) Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

INF.: Beberrão.

INQ.: Tem mais outro nome?

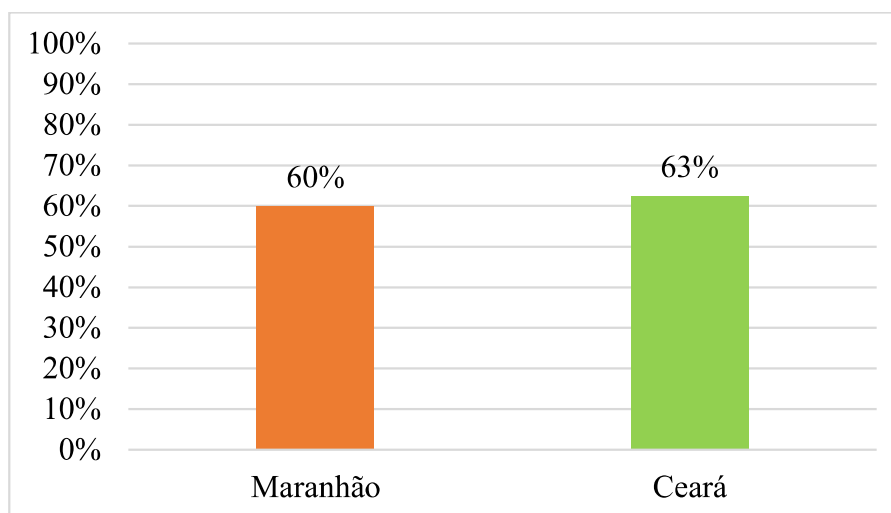
INF.: *Pé inchado*.

(*Bacabal, mulher, faixa II, nível fundamental*)

Como podemos observar, esse exemplário de UFs que faz parte do nosso conjunto de dados representa o universo linguístico-cultural das localidades investigadas.

Nesse universo, a produtividade das UFs por estado é demonstrada a seguir:

Gráfico 1 –Percentual de UFs por estado



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora a rede de pontos linguísticos do Ceará possua muito mais localidades do que o Maranhão, o percentual de produção de UFs em ambos os estados foi bastante próximo. Esse resultado corrobora a ideia de que esses elementos polilexicais “[...] surgem no uso cotidiano da linguagem natural e sua criação descreve as maneiras pelas quais os indivíduos constroem modelos naturais acerca do mundo[...]”. (PAIM; OLIVEIRA, 2018, p. 161).

No universo de 26 questões analisadas, como já sinalizamos no quarto capítulo, seis apresentaram-se improdutivas para a ocorrência de UFs, foram elas: (123) *Como se chama a mulher que ajuda a criança nascer?*; (126) *Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____*; (132) *Criança pequenina, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*; (133) *E se for do sexo feminino, como se chama?*; (135) *Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?*; e (143) *Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?*

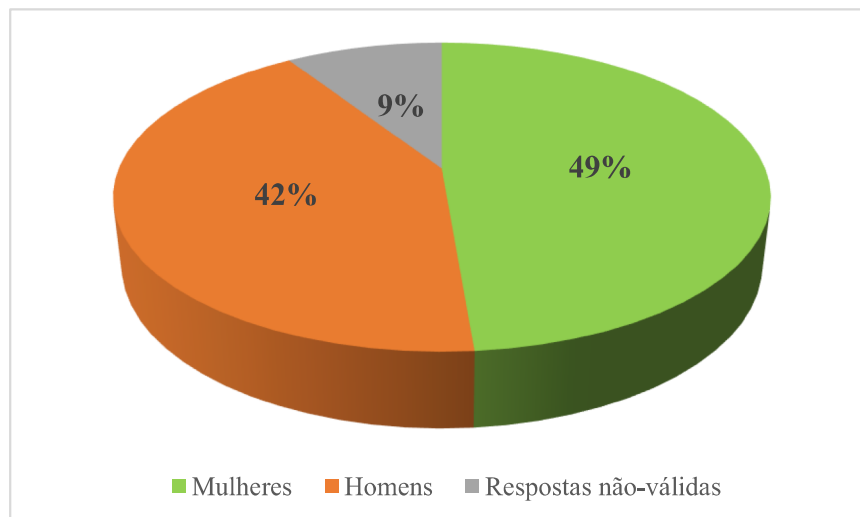
A próxima etapa da análise, diz respeito à apresentação dos dados por meio dos gráficos que contemplam as análises diasssexual e diageracional.

Levando em conta outros trabalhos produzidos e em especial o de Silva e Ramos (2019), a preocupação com a idade dos falantes e com o sexo é indispensável, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante quanto a variação espacial.

Optamos fazer a análise por área semântica e sinalizamos que tanto em *Ciclos da vida* quanto em *Convívio e comportamento social* alguns dos informantes inquiridos realizaram

apenas lexias simples e estas respostas não foram consideradas, visto que o objeto deste estudo são as lexias complexas – as *unidades fraseológicas*.

Gráfico 2 – Percentual de UFs por sexo na área semântica *Ciclos da vida*

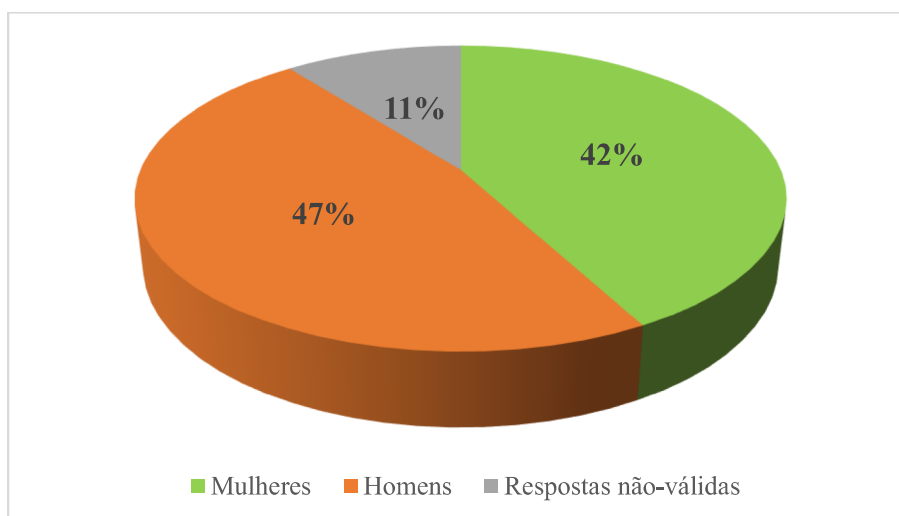


Fonte: Elaborado pela autora.

Em *Ciclos da vida*, área que compreende 15 questões do QSL, e considerando o universo de 72 informantes, foram as mulheres, com um percentual de 49%, que produziram mais UFs. Os homens correspondem a 42% de UFs dos nossos dados. Salientamos que os 9% abarcam tanto os informantes que não responderam às questões como aqueles que, ao responder, não empregaram unidades fraseológicas. Este conjunto formado por não-respostas e/ou respostas em que não houve emprego de UFs denominamos *respostas não-válidas*.

A síntese da análise diassexual da área semântica *Convívio e comportamento social*, que compreende 10 questões de nosso trabalho, pode ser vista no gráfico a seguir:

Gráfico 3– Percentual de UFs por sexo na área semântica *Convívio e comportamento social*



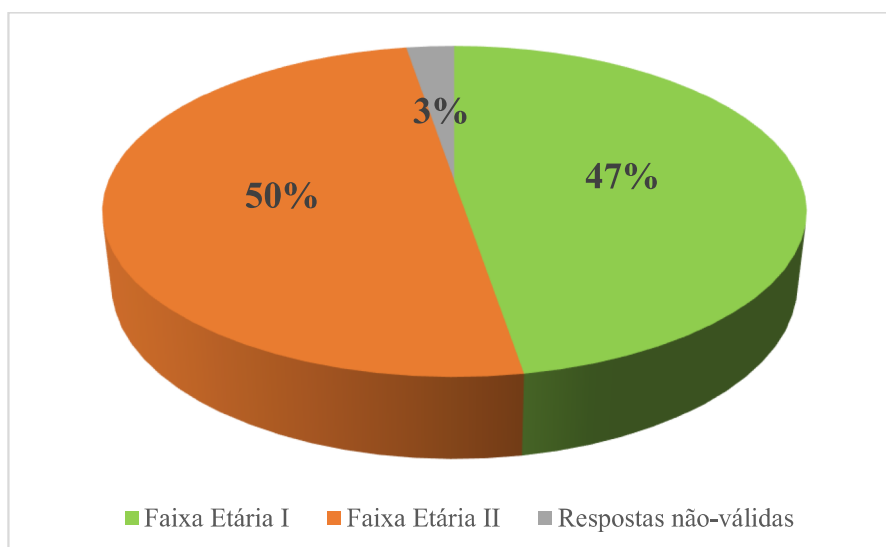
Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos que nesta área semântica houve uma inversão: os informantes do sexo masculino produziram 47% das UFs catalogadas, enquanto que as mulheres, 42%. Salientamos também que nesta área houve um maior percentual de respostas não-válidas.

Com base na análise diasssexual dos dados dentro dessas duas áreas semânticas, concluímos que na área *Convívio e comportamento social* as questões (137) *Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?* (141) *Como se chama o marido que mulher passa para trás com outro homem?* e a (142) *Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?* são cercadas de tabuísmos, que “[...] podem ser decorrentes de aspectos referentes à vida social como questões de pudor ou decoro ou até mesmo de normas ditadas pela sociedade.” (BENKE, 2017, p. 1064). Ou seja, os informantes lançam mão de recursos de substituições para a amenizar palavras que creem possuir uma carga semântica muito forte. Neste caso, os homens optaram por empregar UFs como um recurso de fuga do que consideram tabu linguístico, com o fim de não causar alguma ofensa ou desconforto. Fica claro que o informante denomina alguém que tenha dificuldades de aprender as coisas como *cabeça-dura*, pois a denominação *burro*, por ter uma carga semântica mais forte, pode causar algum tipo de constrangimento.

Com relação à análise diageracional, optamos também por dividir as áreas semânticas.

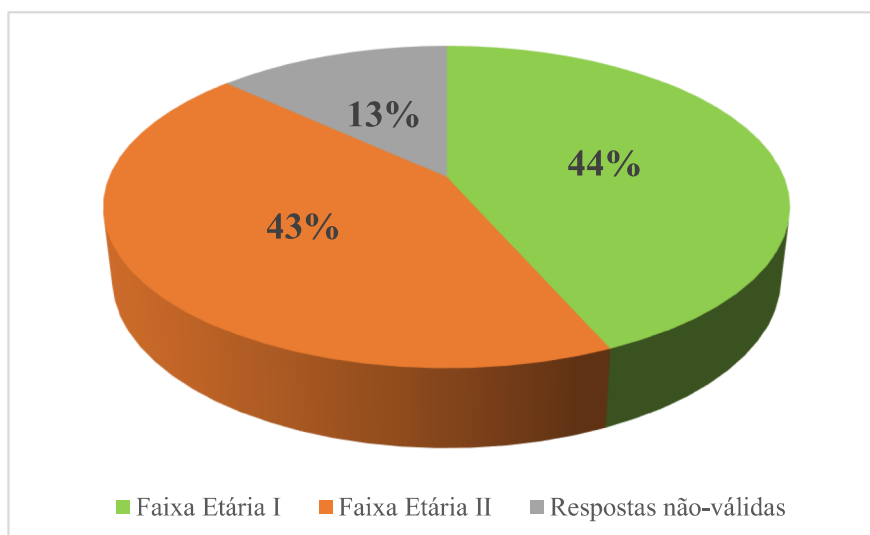
Gráfico 4 – Percentual de UFs por faixa etária na área semântica *Ciclos da vida*



Fonte: Elaborado pela autora.

Na área *Ciclos da vida*, notamos que 50% dos informantes da faixa etária II apresentaram um maior conhecimento de UFs, enquanto apenas 3%, o que equivale a dois informantes, não fizeram uso de UFs para responder às questões.

Gráfico 5 – Percentual de UFs por faixa etária na área semântica *Convívio e comportamento social*



Fonte: Elaborado pela autora.

Em se tratando da área *Convívio e comportamento social*, 10 informantes não responderam às questões com UFs, o que corresponde a 13% dos dados.

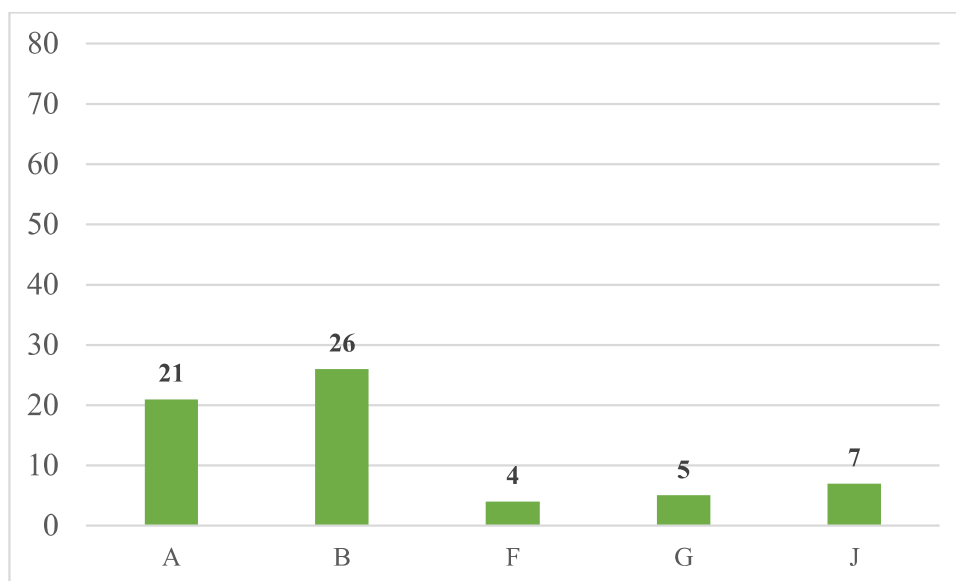
Com esta análise, a *idade* se mostrou relevante, assim como no trabalho de Ramos *et al* (2019), tendo em vista que as UFs também estão, em sua grande maioria, concentradas na fala dos informantes da faixa etária II.

A segunda etapa da análise foca o exame da tipologia estrutural das UFs catalogadas. Dentre os 76 informantes deste estudo, contabilizamos 80 UFs que possuem estruturas diferentes e, conseqüentemente, diferentes elementos em suas composições. Então, do ponto de vista da tipologia estrutural ou da forma como as UFs se constituem, identificamos 17 tipos de estruturas diferentes, que apresentamos a seguir:

- A.** substantivo + preposição + substantivo – Ex.: *ama de leite, cabeça de touro*
- B.** substantivo + adjetivo – Ex.: *assassino pago, barco furado*
- C.** substantivo + preposição + numeral – Ex.: *barriga de dois*
- D.** substantivo + (preposição + substantivo) + preposição + substantivo – Ex.: *irmão (por parte) de leite*
- E.** substantivo + preposição + artigo + substantivo – Ex.: *moça da vida*
- F.** substantivo + substantivo – Ex.: *cigarro caipora, corno baladeiro*
- G.** verbo + artigo + substantivo – Ex.: *amarrar o facão, ganhar a criança*
- H.** verbo + substantivo + preposição + substantivo – Ex.: *beber água de badalo, beber água de taboia*
- I.** verbo + preposição + artigo + substantivo – Ex.: *dar à luz, estar nos dias*
- J.** verbo + substantivo – Ex.: *dar cria, ganhar menino*
- K.** (verbo) + preposição + substantivo – Ex.: *estar de bode*
- L.** verbo + preposição + substantivo + preposição + substantivo – Ex.: *estar em trabalho de parto*
- M.** (verbo + preposição) + verbo + substantivo – Ex.: *(estar para) ganhar neném*
- N.** verbo + adjetivo – Ex.: *estar incomodada*
- O.** verbo + preposição + artigo + substantivo + preposição + pronome – Ex.: *estar no tempo dela*
- P.** adjetivo + substantivo – Ex.: *mau pagador*
- Q.** preposição + substantivo – Ex.: *sem-vergonha*

Das 17 estruturas encontradas, nove apresentaram uma ocorrência cada (C, D, K, L, M, N, O, P e Q), duas apresentaram três ocorrências (E e H), e uma apresentou duas ocorrências (I). As outras cinco tipologias estruturais, com um número mais significativo para a nossa análise, estão demonstradas no gráfico a seguir:

Gráfico 6 - Número de ocorrências por tipologia estrutural



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 6 evidencia que as tipologias A (*substantivo + preposição + substantivo*), B (*substantivo + adjetivo*) e J (*verbo + substantivo*), apresentam números de ocorrência relevantes em nossa análise.

Desse modo, observamos que as estruturas mais recorrentes são as que compreendem as duas maiores classes de palavras da língua, os substantivos e os verbos. Entretanto, é necessário salientar que as outras tipologias estruturais identificadas, em sua grande maioria, também são formadas por essas duas classes de palavras.

Nosso trabalho também objetivou realizar buscas das UFs catalogadas em três dos principais dicionários gerais da língua portuguesa na contemporaneidade, são eles: Houaiss e Villar (2001), Ferreira (1999) e Michaelis (1998). No que diz respeito a este tópico, elencamos apontamentos que são pertinentes, tendo em vista o registro parco dessas UFs nessas obras lexicográficas:

i) grande parte das UFs que está dicionarizada não possui entrada própria, como *beber água de badalo*, que, nos três dicionários, é registrada dentro da entrada *badalo*;

ii) a UF *mão de vaca* apresenta registro com entrada própria nos três dicionários; entretanto, no Michaelis (1998), é registrada com outro significado;

iii) as UFs *ama de leite*, *pão-duro*, *pé-de-cana* apresentaram entrada própria nos três dicionários;

iv) a UF *cabeça-dura* tem registro com entrada própria em Houaiss e Villar (2001) e em Ferreira (1999); no Michaelis (1998) está registrada dentro da entrada *cabeça*;

v) nos três dicionários, a UF *pau-mandado* é registrada com outro significado, como *alguém obediente*;

vi) destacamos também que as UFs que possuem como elemento o verbo *ter*, não apresentaram registro nos dicionários, com exceção da UF *ter filho* que foi registrada em Houaiss e Villar (2001) dentro da entrada *ter*. Entretanto, chama atenção o fato de o verbo *ter*, nos dicionários consultados, apresentar como uma de suas acepções, *dar à luz, gerar, procriar*.

vii) as UFs *assassino pago, bebedor de cachaça, beber água de taboia, cabeça de touro, cachorro de biqueira, casa da ruindade, cigarro caipora, cigarro de fumo, cigarro desfiado, cigarro grosso, corno baladeiro, corno cuscuz, corno geladeira, corno velho, estar no tempo dela, estar nos dias, filho adotado, filho criado, ganhar a criança, ganhar menino, língua grande, mãe adotiva, mãe de criação, mão duro, matador de aluguel, mau pagador, mente fechada, mulher fácil, pé inchado e virar homem* não apresentaram registro em nenhum dos dicionários consultados.

Diante dessa investigação, concluímos que, apesar dessas UFs fazerem parte da língua falada e se ter mostrado bastante produtivas em termos de uso, há ainda muito do léxico do português brasileiro que precisar ser registrado nas grandes obras de referência, pois, como assinalam Ramos, Bezerra e Silva (2018, p. 159), “essa falta de abrigo tem consequências diretas no processo de difusão e aprendizagem da língua.”.

Do ponto de vista da distribuição diatópica, cujo objetivo é retratar as diferenças e semelhanças no espaço geográfico, buscamos as questões mais produtivas para, por meio das cartas linguísticas, ilustrar como se configura a distribuição das UFs no interior do Maranhão e do Ceará. Para tanto, selecionamos as seguintes questões: (121) *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*, (122) *Numa certa idade acaba a/o ____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher ____.*, (138) *Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?* e (142) *Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*.

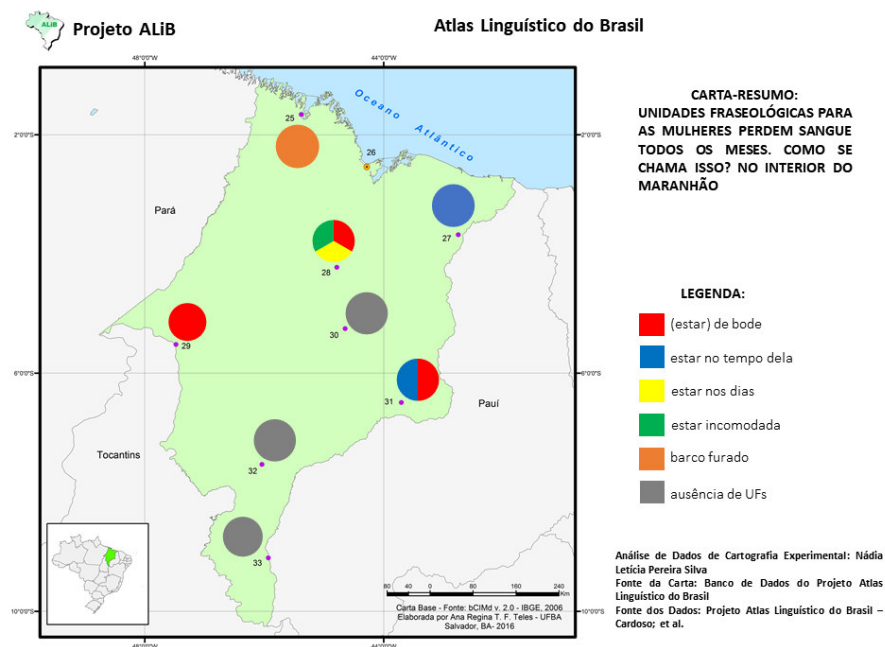
Antes, contudo, de mostrar as cartas convém apresentar algumas informações que são essenciais para sua correta leitura.

Em linhas gerais, seguimos as orientações do ALiB. Assim, para as informações de cunho geográfico, constam a escala e um mapa de localização da área em relação ao Brasil. Para os

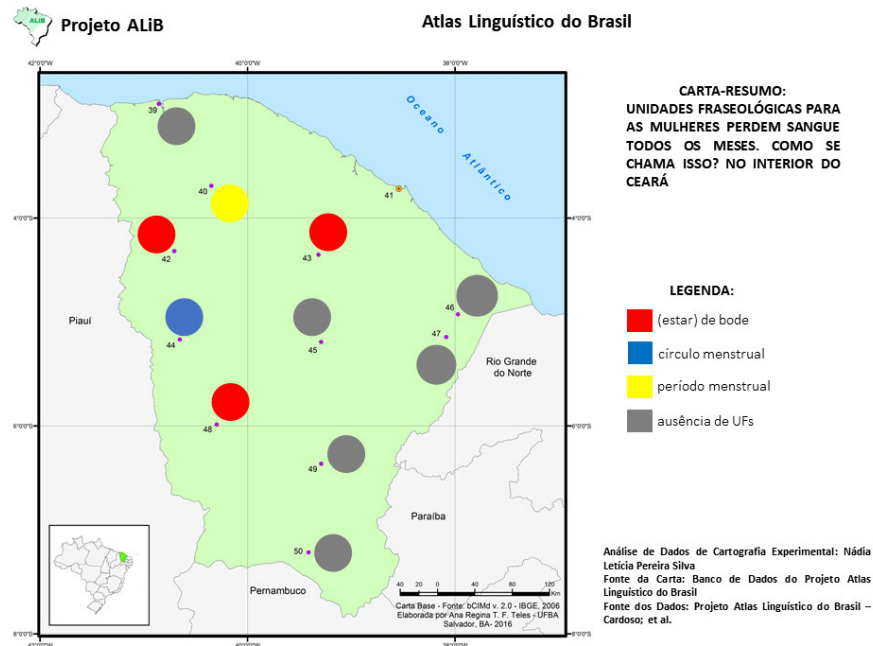
aspectos linguísticos, as nossas cartas apresentam o tipo de pergunta, os pontos linguísticos pesquisados, a organização dos itens linguísticos e suas ocorrências.

Em se tratando da leitura, adotamos as seguintes convenções: (i) do lado superior à direita apresentamos a questão da carta-resumo; (ii) abaixo da questão investigada, elencamos, com a transcrição ortográfica, as variantes mais produtivas, considerando o número de ocorrências. A ordem adotada para as cores reflete a ordem decrescente das ocorrências: vermelho, azul, amarelo, verde e, eventualmente outras cores, conforme a necessidade. O conjunto formado por não-respostas e/ou respostas em que não houve emprego de UFs, agrupamos em *ausência de UFs*; (iii) abaixo das variantes elencamos as informações relacionadas à fonte dos nossos dados.

Carta 1 – Menstruação – UFs registradas no interior do MA

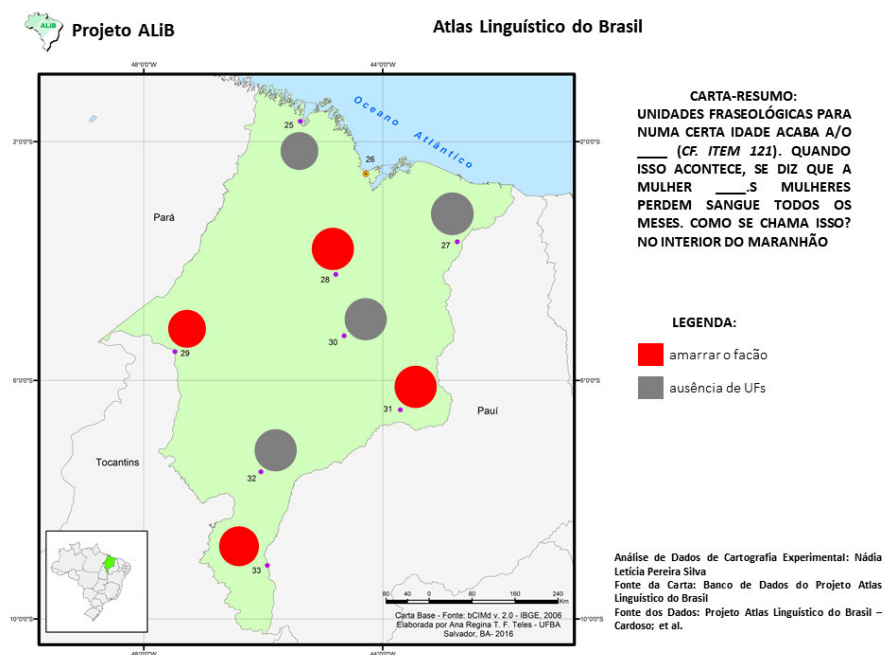


Carta 2 –Menstruação – UFs registradas no interior do CE

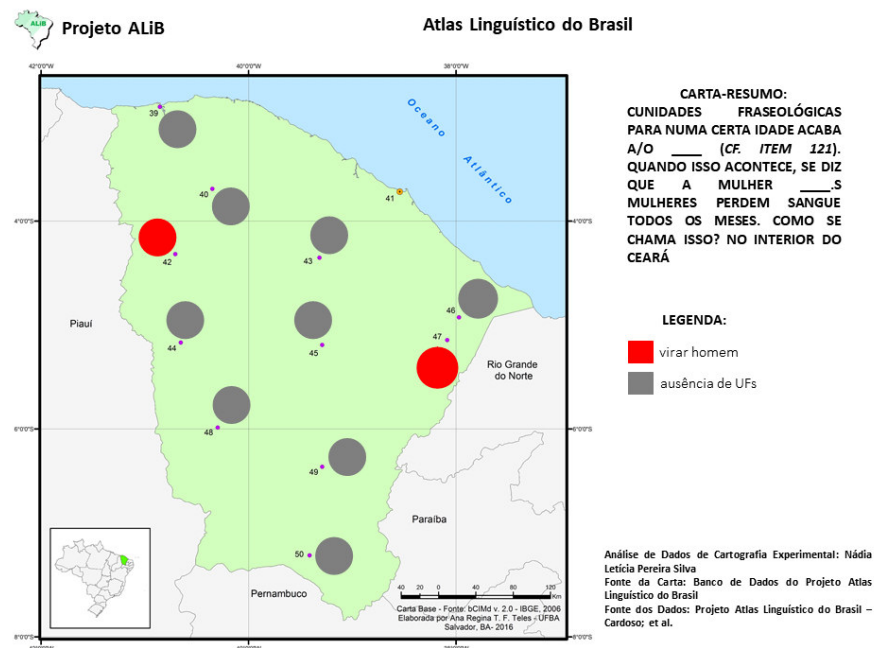


Nas cartas 1 e 2, observamos as UFs catalogadas para responder à questão 121. Em se tratando do Maranhão, registramos uma diversidade, em número de cinco UFs, para denominar o período em que as mulheres perdem sangue todos os meses. No Ceará, registramos três UFs, sendo *(estar) de bode*, comum em ambos estados.

Carta 3 –Entrar na menopausa – UFs registradas no interior do MA

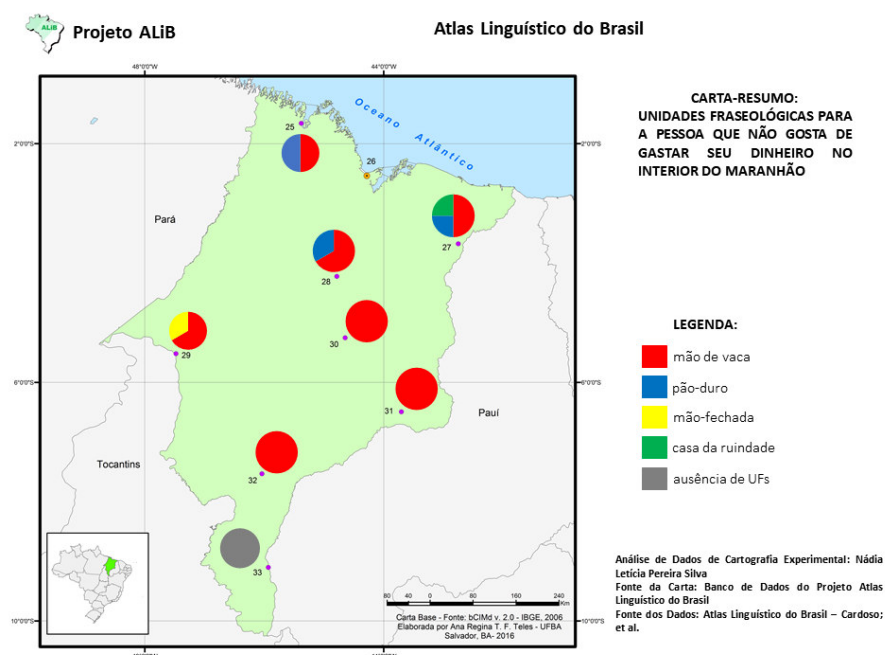


Carta 4 – Entrar na menopausa – UFs registradas no interior do CE

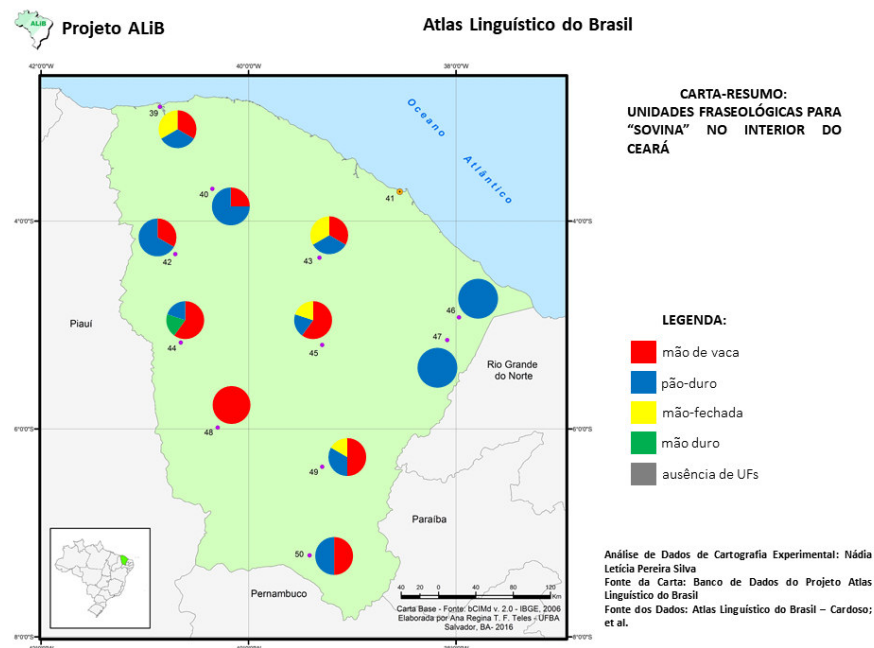


Nas cartas 3 e 4, observamos um número expressivo de ausência de UFs para a questão 122, entretanto consideramos pertinente apresentá-las, devido à presença de UFs que se mostraram particulares de ambos os estados: a UF *amarrar o facão* foi registrada no Maranhão, enquanto *virar homem*, no Ceará.

Carta 5 – Pessoa sovina – UFs registradas no interior do MA

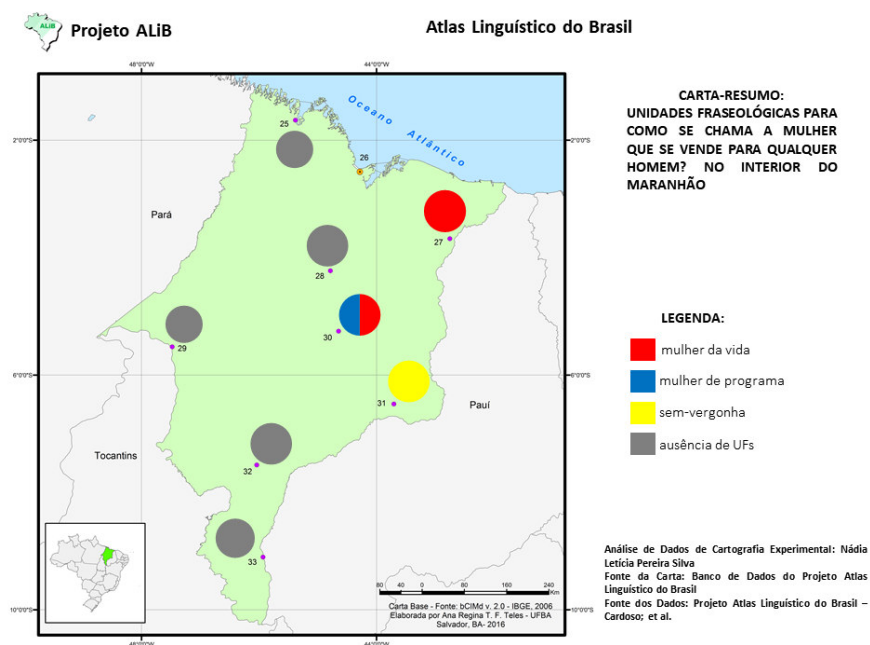


Carta 6– Pessoa sovina – UFs registradas no interior do CE

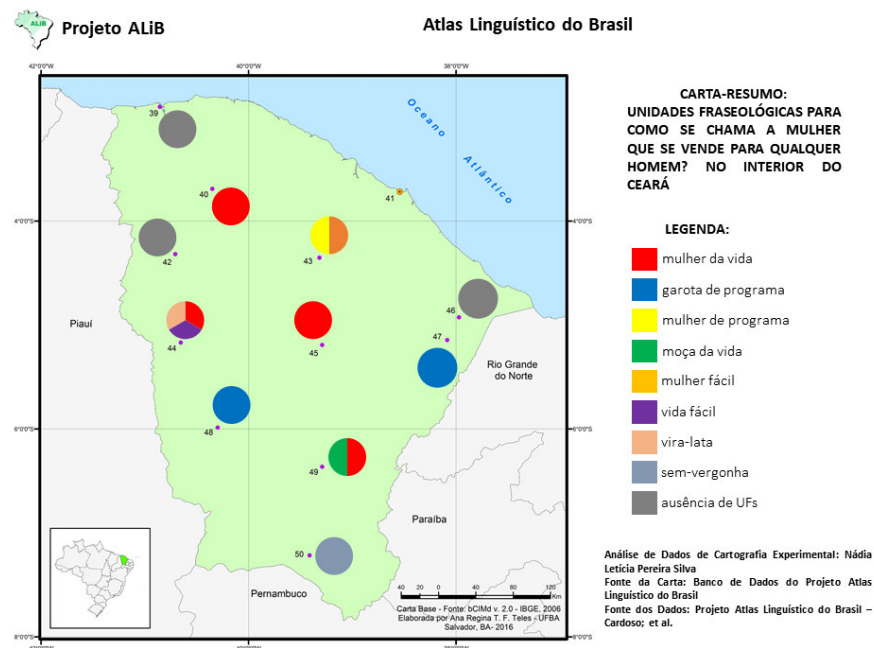


Destacamos, no Maranhão, de acordo com a Carta 5, que *Alto Parnaíba* é a única localidade em que os informantes não realizaram UFs para responder às questões. *Casa da ruindade* representa uma particularidade dentro de nossos dados, considerando que essa UF aparece apenas no Maranhão e em uma única localidade do estado. Além de destacar as UFs *mão de vaca* e *pão-duro* como as com maiores ocorrências em ambos os estados.

Carta 7 –Prostituta – UFs registradas no interior do MA



Carta 8 –Prostituta – UFs registradas no interior do CE



As cartas 7 e 8, elaboradas para a questão 143, evidenciam que essa questão apresentou alta produtividade na realização de UFs, principalmente no Ceará. Os estados realizam em comum UFs como: *mulher da vida*, *mulher de programa* e *sem-vergonha*.

De modo geral, as UFs catalogadas e analisadas apresentam as características mais marcantes da fraseologia francesa, como a polilexicalidade, a fixação, a variação e, de fato, fazem parte do repertório linguístico-cultural dos falantes. Para além disso, a relação entre o eixo diasssexual, eixo diageracional e o eixo diatópico dá testemunho da realidade sócio-espacial e linguístico-cultural característica dos pontos investigados.

6. CHEGOU A HORA DE AMARRAR O FACÃO

O desenvolvimento deste estudo nos possibilitou conhecer mais a fundo a nossa base teórica que é a Fraseologia francesa, as características, os estudos e, conseqüentemente, seus principais autores que buscam a cada dia compreender o nosso objeto de estudo, as unidades fraseológicas.

O exame do uso de dados geolinguísticos, mais particularmente do *corpus* do Projeto ALiB, na exploração da fraseologia, nas áreas semânticas *Ciclos da vida* e *Convívio e comportamento social*, em localidades do interior do Maranhão e do Ceará demonstrou que:

(i) os informantes das localidades investigadas fazem o uso de UFs para nomear os conceitos que lhes são apresentados, o que mostrou que as unidades fazem parte do seu repertório linguístico;

(ii) por se tratar de uma área que abarca temas considerados tabus linguísticos, a área *Convívio e comportamento social* mostrou ser fértil para o aparecimento das UFs. Essa área levou os informantes do sexo masculino a produzirem a grande maioria dessas unidades, pois as UFs catalogadas *suavizam* a carga semântica daquilo que pode ser ou é considerado como um tabu, sem, contudo, sair da esfera da expressividade e da criatividade, como ilustram, por exemplo, unidades como *amarrar o facão* e *cachorro de biqueira*;

(iii) a análise diageracional, assim como em outros trabalhos produzidos, continuou a nos mostrar que as UFs estão concentradas na fala dos informantes da faixa etária II;

(iv) as UFs, como lexias complexas, são formadas por elementos de classes distintas. Como as UFs deste estudo surgem em um contexto de denominação, a tipologia estrutural com um maior número de ocorrência foi a composta de *substantivo + adjetivo*;

(v) a consulta aos dicionários nos permitiu analisar UF por UF e constatar que essas unidades continuam marginalizadas e que ainda falta muito do léxico para ser registrado nessas obras de referência no âmbito da Lexicografia. Daí a importância do aproveitamento de dados orais de natureza geolinguística para a produção dessas obras;

(vi) o exame da diatopia nos possibilitou observar a configuração do uso das UFs no interior do Maranhão e do Ceará, realçando suas particularidades e semelhanças;

(vii) as UFs registradas no glossário, produto dessa dissertação, nos permite compreender e explicar o conhecimento de mundo e a experiência cotidiana dos falantes.

Por fim, ressaltamos o potencial de expressividade das UFs, o que muito contribui para seu emprego frequente nas trocas conversacionais, principalmente em situações de

informalidade. Ressaltamos, ainda, o papel que essas unidades desempenham tanto para o nosso conhecimento acerca do funcionamento da língua como para a percepção da *forma de ser e estar no mundo* de uma determinada comunidade.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A importância dos dados geolinguísticos para a construção de dicionários de Língua portuguesa. In: CARDOSO, Suzana; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra Andrade (org.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador, Vento Leste, 2011, p. 271-288.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1951.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo, FFLCH/CITRAT, 1996, p. 23-45.
- BARBOZA, Edson Holanda Lima. Entre migrantes e fujões: experiências e rotas de retirantes cearenses no Maranhão durante a seca de 1877-1880. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 2., 2011. São Luís. *Anais [...]* São Luís: Universidade Estadual do Maranhão. 2011. p. 1-17. Disponível em: www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/barboza.pdf. Acesso em: 20 mai. 2018.
- _____. *Cabeça chata, testa de macaco: conexões entre migrantes e escravos e fujões, desde o Ceará aos portais da Amazônia (1877-1880)*. *Projeto História*, São Paulo, n. 42, p. 391-418, jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/7996/5872>. Acesso em: 15 out. 2019.
- _____. Da diáspora cearense: classificações raciais e alianças em rotas entre o Ceará e a Amazônia. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, p. 117-148, mai./ago. 2016. Disponível em: Acesso em:
- BARROS, Lidia Almeida. Curso básico de Terminologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. O tabuísmo em designações que nomeiam a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas. *Revista Philologus*, Ano 23, n. 67 Supl.: Anais do IXI SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL. p. 1061-1080, jan./abr. 2017.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, v. 22, n. 4, 1987, p. 81-96.
- _____, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a, p. 13-22.
- _____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- _____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. ALFA: Revista de Linguística, v. 47, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232/3827>. Acesso em: 20 set. 2017.
- BORBA, Francisco S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRITO, Luciana. A Fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. *Estação Literária*, Londrina, v. 10B, p. 111-125, jan./2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25763/18758>. Acesso

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. p. 13-31.

_____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana *et al.* (orgs.). *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARVALHO, Gislene Lima de. *Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3.ed. Madrid: Consejo Superior de investigaciones científicas, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: Editora UEL, 2001.

COELHO NETTO, Eloy. *Geo-História do Maranhão*. São Luís: SIOGE, 1985.

CUNHA, Ana Luiza da. *Expressões idiomáticas: da linguagem publicitária para a sala de aula*. 2012. Dissertação. (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FARIA, Regina Helena Martins de. *A transformação do trabalho nos trópicos: propostas e realizações*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. Migração de nordestinos para o Médio-Mearim (1930-1960): literatura regional e narrativas orais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011. São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1-13. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300908633_ARQUIVO_Texto_ANP_UH_numerado\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300908633_ARQUIVO_Texto_ANP_UH_numerado[1].pdf)

GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Editions Ophrys, 1996.

HOUAISS, Antônio. Sócio- e etnolinguística. In: *II Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, CONSEL*, 1980, Niterói. mimeo.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IÑESTA MENA, Eva María; PAMIES BERTRÁN, Antonio. *Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos*. Granada: Granada Lingvistica, 2002.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra Andrade. (org.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011, p. 113-144.

LEMOIS, Andréa Michiles. *As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a Libras em discursos de políticos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

LIMA, Alcides Fernandes; MARTINS, Arlon F. Carvalho. Utilização do programa Lexique Pro na elaboração de glossários e dicionários terminológicos. In: RAZKY, Abdelhak et al. (org.). *Estudos sociodialetais do português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 257-277.

LIMA, Maria Viviane Matos de. *O sagrado e o profano nos fraseologismos do português do Brasil*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MARQUES, Elizabete Aparecida; MEJRI, Salah. Fraseologia e terceira articulação da linguagem. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 14, n. 27, p. 11-17, mai./ago. 2018.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTINET, André. *A Linguística Sincrônica*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1974.

MEDINA GUERRA, Antonia. (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

MEJRI, Salah. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunis: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

_____. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 1, p. 139-156.

_____. *Phraséologie et atlas linguistique*. Conferência proferida durante o VII Seminário Regional de Geossociolinguística – SERGEL. Universidade Federal do Pará, Belém, 23 nov. 2017.

_____. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. *Le Français Moderne*, Paris, n. 1, p. 5-32, 2018.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIRANDA, Ana Karla Pereira de; MARQUES, Elizabete Aparecida. Isso vai dar merda: implicações do conhecimento do significado de expressões idiomáticas na tradução de uma entrevista do ex-presidente Lula. *Translation Journal*. v. 15, n. 4. out. 2011.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, v.1.

MOTA, Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Fortaleza: UFC, 1982.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Freitas Bastos, 2. ed., 1966.

OLIVEIRA, Francisca Imaculada Santos. *Unidades fraseológicas do Português em contato com o falar Guajajára (Tupi-Guarani)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. 334f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. Estudos fraseológicos no Brasil: estado da arte. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 1. p. 355-375.

PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Os fraseologismos no português falado no Nordeste brasileiro: unidades fraseológicas para designar a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, p. 79-90, mar./2018. Especial. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2860/pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres; OLIVEIRA, Josane Moreira de. *Fraseologia no vestuário: contribuições do Projeto Atlas Linguísticos do Brasil*. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 14, n. 27, p. 152-165, maio/ago. 2018. Disponível em <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/741/548>. Acesso em: 10 de dezembro 2019.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inês; MEJRI, Salah. *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Salvador: Quarteto, 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no universo*. Salvador: Quarteto, 2019.

PINHEIRO, Marilene Barbosa. *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização*. 2015. 156 f. (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PONTES, Antônio Luciano. *Dicionário para o uso escolar: o que é como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Lisboa: Presença, 1978.

PRETI, Dino. Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 93-99, 2. sem. 1992.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; SILVA, Nádia Letícia Pereira. Fraseologismos no continuum rural-urbano: um estudo com dados geolinguísticos. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 60, p. 142-162, 2018. Especial. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27591>. Acesso em: 22 dez. 2018.

RIBEIRO, João. *Frases feitas*. 3. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

RODRIGUÉZ, María Ángeles Solano. Unidades fraseológicas francesas – estudio en un corpus: la Pentalogía de belleville de Daniel Pennac. Planteamiento didáctico. Tese (Doutorado em Filosofia y Letras) – Facultad de Filosofía y Letras, Dep. de Filosofía Francesa, Românica, Italiana y Árabe. Universidad de Murcia, 2004. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/unidades-fraseologicas-francesas-estudio-en-un-corpus-la-pentalogia-de-belleville-de-daniel-pennac-planteamiento-didactico--0/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

STREHLER, René G; GOROVITZ, Sabine. Manual do RepLET: acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia. Brasília, Centro Editorial, 2011.

SILVA, Nádia Letícia Pereira; RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. De morto de fome a casa da ruindade: variação fraseológica, no interior do Maranhão e do Piauí, relativa à pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 63, p. 340-352, 2019. Especial. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33779>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SILVA, Maria Erilan Costa. *Proposta de verbetes em dicionário de expressões idiomáticas para estudantes de português língua estrangeira*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SFAR, Inès. *Cours de linguistique: la phraseologie*. Curso ministrado na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 5 a 9 dez. 2016.

TEÓFILO, Rodolfo. *História da Secca do Ceará*. 1878-1880. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRISTÁ, Antonia María. *Fraseología y contexto*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

TROVÃO, José Ribamar. *O processo de ocupação do território maranhense*. São Luís: IMESC, 2008.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

_____. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WELKER, Herbert Andréas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília, Thesaurus, 2004.

XATARA, Claudia. A produção fraseoparemiográfica. *In*: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 1. p. 205-212.

APÊNDICE
(Glossário das Unidades Fraseológicas)

A – a

Ama de leite *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que amamenta a criança quando a mãe verdadeira não tem leite. < QSL 128 – Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? INF.: **Ama de leite**. INQ.: Isso! Mas como é? INF.: Ama de leite. (Ipu, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **mãe de leite**. Read: QSL 128/ALiB – Ciclos da vida

Amarrar o facão *sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)*. Período em que a mulher para de sangrar todos os meses. < QSL 122 – INQ.: Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____. INF.: **Marrô o facão**. INQ.: Como é? INF.: Marrô o facão. (Alto Parnaíba, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **virar homem**. Read: QSL 122/ALiB – Ciclos da vida

Assassino pago *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que é paga para matar alguém. < QSL 140 – INQ.: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? INF.: Assassino? INQ.: Mas ela é paga para matar alguém, então ela é? INF.: Mandante. INQ.: Mandante? INF.: Sim. INQ.: Mas ela é mandada para matar alguém, como é que você chama? Ela é paga para matar alguém. INF.: **Assassino pago**. (Crato, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **atirador de elite; matador de alugel; pau-mandado**. Read: QSL 140/ALiB – Convívio e comportamento social

Atirador de elite *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que é paga para matar alguém. < QSL 140 – INQ.: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? INF.: **Atirador de elite**, pistolêro. (Alto Parnaíba, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **assassino pago; matador de alugel; pau-mandado**. Read: QSL 140/ALiB – Convívio e comportamento social

B – b

Barco furado *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Período em que a mulher perde sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Menstruar. INQ.: E tem outro nome? INF.: Bode. INQ.: É? Como é que diz? Diz só assim bode ou diz como? INF.: **Barco furado**. (Turiaçu, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **círculo menstrual; (estar) de bode; estar incomodada; estar nos dias; estar no tempo dela; período menstrual**. Read: QSL 121/ALiB – Ciclos da vida

Barriga branca *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: Corno. INQ.: Tem outro nome? Pode dizer... INF.: **Barriga branca**, chifrudo. (Russas, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **cabeça de touro; cachorro de biqueira; corno baladeira; corno cuscuz; corno geladeira; corno velho**. Read: QSL 141/ALiB – Convívio e comportamento social

Barriga de dois *sintagma nominal (substantivo + preposição + numeral)*. Duas crianças que nascem no mesmo parto. < QSL 125 – Como se chama duas crianças que nasceram no mesmo parto? **Barriga de dois**. > (Limoeiro, mulher, faixa II, nível fundamental) > Read: QSL 125/ALiB – Ciclos da vida

Beber água de badalo *sintagma verbal (verbo + substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que fala demais. < QSL 136 – Como se chama a pessoa que fala demais? INF.: Bom, uns dizem... eles falam assim, se... se a pessoa, bebeu água de chocalho, essas coisas assim (risos). INQ.: Bebeu água... INF.: Menino bebeu, menino, tu bebeu foi água de chocalho... Menino, tu bebeu foi água de taioba, essas coisa assim, mas não tem, não tem um nome mesmo específico. INF.: Ah, e aquela pessoa que fala demais, pergunta se **bebeu água de badalo**, também. INQ. – Água de badalo, também pra pessoa que faz isso? INF. – É, é. Pergunta assim: “bebeu água de badalo, menino?” É assim. Badalo que chama é o chocalho (risos). INQ. – Badalo é a mesma coisa que o chocalho? INF. – É o mesmo que chocalho. (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) *Variante: beber água de chocalho; beber água de taboia; língua grande; língua solta.*
Read: QSL 136/ALiB – Convívio e comportamento social

Beber água de chocalho *sintagma verbal (verbo + substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que fala demais. < QSL 136 – Como se chama a pessoa que fala demais? INF.: Bom, uns dizem... eles falam assim, se... se a pessoa, **bebeu água de chocalho**, essas coisa assim (risos). INQ.: Bebeu água... INF.: Menino bebeu, menino, tu bebeu foi água de chocalho... Menino, tu bebeu foi água de taioba, essas coisa assim, mas não tem, não tem um nome mesmo específico. INF.: Ah, e aquela pessoa que fala demais, pergunta se bebeu água de badalo, também. INQ. – Água de badalo, também pra pessoa que faz isso? INF. – É, é. Pergunta assim: “bebeu água de badalo, menino?” É assim. Badalo que chama é o chocalho (risos). INQ. – Badalo é a mesma coisa que o chocalho? INF. – É o mesmo que chocalho. (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: beber água de badalo; beber água de taboia; língua grande; língua solta.*
Read: QSL 136/ALiB – Convívio e comportamento social

Beber água de taboia *sintagma verbal (verbo + substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que fala demais. < QSL 136 – INQ.: Como se chama a pessoa que fala demais? INF.: Bom, uns dizem... eles falam assim, se... se a pessoa, bebeu água de chocalho, essas coisa assim (risos). INQ.: Bebeu água... INF.: Menino bebeu, menino, tu bebeu foi água de chocalho... Menino, tu **bebeu foi água de taioba**, essas coisa assim, mas não tem, não tem um nome mesmo específico. INF.: Ah, e aquela pessoa que fala demais, pergunta se bebeu água de badalo, também. INQ. – Água de badalo, também pra pessoa que faz isso? INF. – É, é. Pergunta assim: “bebeu água de badalo, menino?” É assim. Badalo que chama é o chocalho (risos). INQ. – Badalo é a mesma coisa que o chocalho? INF. – É o mesmo que chucal. (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: beber água de badalo; beber água de chocalho; língua grande; língua solta.*
Read: QSL 136/ALiB – Convívio e comportamento social

Bededor de cachaça *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que bebe demais. < QSL 144 – Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? INF.– Cachacêro. INQ.– Tem outro nome? INF.– **Bebedor de cachaça**. (Canindé, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: pau-d'água; pé-de-cana; pé inchado.*
Read: QSL 144/ALiB – Convívio e comportamento social

C – c

Cabeça de touro *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: Corno. INQ.: Tem outro nome? INF.: Ah, tem vários... INQ.: Pode dizer. INF.: Chifrudo, **cabeça de touro**. (Crato, homem, faixa II, nível fundamental) > *Variante: barriga branca; cachorro de biqueira; corno baladeira; corno cuscuz; corno geladeira; corno velho.*
Read: QSL 141/ALiB – Convívio e comportamento social

Cabeça-dura *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas. < QSL 137 – Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? INF.: Aqui não tem outra não, menino, é burro mesmo (risos). Ah, aquele menino que, que, que tem dificuldade, diz que o menino é, é rude, **cabeça-dura**. INQ.: Ah, pra quem tem dificuldade, também, tu disseste burro, agora tu lembraste de? INF. – É, é burro, é rude, é cabeça-dura. INQ. – Rude? Rude. Cabeça-dura. (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: mente fechada.*
Read: QSL 137/ALiB – Convívio e comportamento social

Cachorro de biqueira *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: **Cachorro do biqueira**. (Brejo, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **barriga branca; cabeça de touro; corno baladeiro; corno cuscuz; corno geladeira; corno velho**. Read: QSL 141/ALiB – Convívio e comportamento social

Casa da ruindade *sintagma nominal (substantivo + preposição + artigo + substantivo)*. Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. < QSL 138 – NQ.: Como se chama aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passas dificuldades para não gastar? INF.: Mão de vaca, **casa da ruindade**. (Brejo, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **mão de vaca; mão-fechada; mão duro; pão-duro**. Read: QSL 138/ALiB – Convívio e comportamento social

Ciclo menstrual *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Período em que as mulheres perdem sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: **Círculo menstrual**. (Sobral, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barco furado; (estar) de bode; estar incomodada; estar nos dias; estar no tempo dela; período menstrual**. Read: QSL 121/ALiB – Ciclos da vida

Cigarro bruto *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: Chama **cigarro bruto...** INQ.: Como? INF.: Cigarro bruto. (Bacabal, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **cigarro caipora; cigarro de fumo; cigarro de palha; cigarro desfiado; cigarro grosso; fumo brabo; fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Cigarro caipora *sintagma nominal (substantivo + substantivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: **Cigarro caipora**. (Sobral, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **cigarro bruto; cigarro de fumo; cigarro de palha; cigarro desfiado; cigarro grosso; fumo brabo; fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Cigarro de fumo *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: **Cigarro de fumo**. (Russas, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **cigarro bruto; cigarro caipora; cigarro de palha; cigarro desfiado; fumo brabo; fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Cigarro de palha *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: Charuto, **cigarro de palha**, fumo brabo. (Alto Parnaíba, homem, faixa II, nível fundamental) / QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: **Cigarro de palha**. INQ.: Tem outro nome para o cigarro de palha? INF.: Não, não, não. (Ipu, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **cigarro bruto; cigarro caipora; cigarro de fumo; cigarro desfiado; cigarro grosso; fumo brabo; fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Cigarro desfiado *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: **Cigarro desfiado**. INQ.: Cigarro? INF.: Cigarro de fumo, cigarro desfiado. (Iguatu, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **cigarro bruto; cigarro caipora; cigarro de fumo; cigarro de palha; cigarro grosso; fumo brabo; fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Cigarro grosso *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: Ah, nós chama aquilo ali de, que eu conheço mesmo um que nós que eu chamo ele que os outros chama também é de.... Como é meu Deus o nome que eu chamava ele? Que é feito poru rocha, que é aquele cigarro rocha, não sei se você conhece. INQ.: É, eu sei que compra o fumo, compra o papel e ele mesmo bota a quantidade de fumo que ele quer... INF.: Isso. INQ.: ...aí enrola e acende. Como é que chama esse cigarro, aqui? INF.: Agora esqueci, rapaz, o nome daquele cigarro nós chamava de... **Cigarro grosso**? INQ.: Isso. INF.: Cigarro grosso. INQ.: É. Não é o que vem... (inint.) INF.: É não eu to... “Pare com esse cigarro grosso que está te matando...”, nós fala assim. INQ.: Pronto! É isso que a gente quer saber. (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **cigarro**; **bruto**; **cigarro caipora**; **cigarro de fumo**; **cigarro de palha**; **cigarro desfiado**; **fumo brabo**; **fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Corno baladeiro *sintagma nominal (substantivo + substantivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: Corno. INQ.: Corno... Tem mais outro nome? INF.: Eh... Um bucado de nome que eles chamam... Tem vários tipos de nomes de corno que eles chamam. INQ.: Então, vê aí quais são os que tu conhece, que tu já ouviste aqui em Bacabal. INF.: (risos) Tem gente que chama assim, eh... eh... corno, é chifrudo, eh... um bucado de nome assim... INQ.: Mais outro aí que tu te lembra... INF.: Os nomes de chifres (inint.) INQ.: Eu quero saber aqui em Bacabal... ah, aquele fulano ali, ele é corno, ele é chifrudo... o que mais que as pessoas dizem aqui? INF.: Tem gente que diz assim, ah aquele dali é corno, **corno baladeiro**, corno... baladeiro é aquele que vai e volta com a mulher... tem corno cuscuz que vê e abafa, tem um bucado de nome que chama. INQ.: Se tu tiveres mais algum, tu podes dizer. INF.: Eh... é corno geladeira que é frio. (Bacabal, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barriga branca**; **cabeça de touro**; **cachorro de biqueira**; **corno cuscuz**; **corno geladeira**; **corno velho**. Read: QSL 141/ALiB – Convívio e comportamento social

Corno cuscuz *sintagma nominal (substantivo + substantivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: Corno. INQ.: Corno... Tem mais outro nome? INF.: Eh... Um bucado de nome que eles chamam... Tem vários tipos de nomes de corno que eles chamam. INQ.: Então, vê aí quais são os que tu conhece, que tu já ouviste aqui em Bacabal. INF.: (risos) Tem gente que chama assim, eh... eh... corno, é chifrudo, eh... um bucado de nome assim... INQ.: Mais outro aí que tu te lembra... INF.: Os nomes de chifres (inint.) INQ.: Eu quero saber aqui em Bacabal... ah, aquele fulano ali, ele é corno, ele é chifrudo... o que mais que as pessoas dizem aqui? INF.: Tem gente que diz assim, ah aquele dali é corno, corno baladeiro, corno... baladeiro é aquele que vai e volta com a mulher... tem **corno cuscuz** que vê e abafa, tem um bucado de nome que chama. INQ.: Se tu tiveres mais algum, tu podes dizer. INF.: Eh... é corno geladeira que é frio. (Bacabal, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barriga branca**; **cachorro de biqueira**; **corno baladeira**; **corno geladeira**; **corno velho**. Read: QSL 141/ALiB – Convívio e comportamento social

Corno geladeira *sintagma nominal (substantivo + substantivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: Corno. INQ.: Corno... Tem mais outro nome? INF.: Eh... Um bucado de nome que eles chamam... Tem vários tipos de nomes de corno que eles chamam. INQ.: Então, vê aí quais são os que tu conhece, que tu já ouviste aqui em Bacabal. INF.: (risos) Tem gente que chama assim, eh... eh... corno, é chifrudo, eh... um bucado de nome assim... INQ.: Mais outro aí que tu te lembra... INF.: Os nomes de chifres (inint.) INQ.: Eu quero saber aqui em Bacabal... ah, aquele fulano ali, ele é corno, ele é chifrudo... o que mais que as pessoas dizem aqui? INF.: Tem gente que diz assim, ah aquele dali é corno, corno baladeiro, corno... baladeiro é aquele que vai e volta com a mulher... tem corno cuscuz que vê e abafa, tem um bucado de nome que chama. INQ.: Se tu tiveres mais algum, tu podes dizer. INF.: Eh... é **corno geladeira** que é frio. (Bacabal, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barriga branca**; **cabeça de touro**; **cachorro de biqueira**; **corno baladeira**; **corno cuscuz**; **corno velho**. Read: QSL 141/ALiB – Convívio e comportamento social

Corno velho *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Marido que a mulher passa para trás com outro homem. < QSL 141 – INQ.: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? INF.: É o chifrudo. INQ.: Tem mais algum nome? INF.: (risos). INQ.: (inint.) Tem muitos, né? Quais são os que tu te lembras daqui. INF.: É o chi... é o chifrudo, é o... o... chama **corno velho**, chama eh... vaqueiro. INQ.: Vaqueiro? INF.: É, é o vaquêro, eh... o amizade, chama assim “ê amizade, ei, corno veio, vaquêro”. (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barriga branca**; **cabeça de touro**; **cachorro de biqueira**; **corno baladeira**; **corno cuscuz**; **corno geladeira**. Read: QSL 141 / ALiB – Convívio e comportamento social

D – d

Dar cria *sintagma verbal (verbo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Dar à luz a criança. INQ.: Ou? Pode dizer outra coisa... INF.: Parir... **Dá a cria**. INQ.: Pronto! (Russas, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **dar à luz**; **estar em trabalho de parto**; **(estar para) ganhar neném**; **ganhar a criança**; **ganhar bebê**. **ganhar menino**; **ter a criança**. **ter filho**; **ter neném**. Read: QSL 124 / ALiB – Ciclos da vida

Dar à luz *sintagma verbal (verbo + preposição + artigo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Hum... Para **dá à luz**. (Turiaçu, mulher, faixa I, nível fundamental) / QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: **Dá à luz**. INQ.: Tem outro nome? INF.: Parí. (Crateús, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **dar cria**; **estar em trabalho de parto**; **(estar para) ganhar neném**; **ganhar a criança**; **ganhar bebê**; **ganhar menino**. Read: QSL 124 / ALiB – Ciclos da vida

E – e

Estar em trabalho de parto *sintagma verbal (verbo + preposição + substantivo + preposição + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Ganhá neném. INQ.: Tem outro nome? INF.: Se operá, chama o dotô. INQ.: Sim, mas a parteira. Você chama a parteira quando a mulher está para o quê? INF.: **Está em trabalho de parto**. INQ.: Pronto! Tem outro nome? INF.: Pra ganhá neném, pra ter parto, tem mulher que chama parí, tem tanta coisa... INQ.: Olha aí, pode ir dizendo... INF.: A palavra certa é parí. INQ.: Pronto! Tem outras mais? Outros... (Crateús, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **dar cria**; **dar à luz**; **(estar para) ganhar neném**; **ganhar a criança**; **ganhar bebê**; **ganhar menino**; **ter a criança**; **ter filho**; **ter neném**. Read: QSL 124 / ALiB – Ciclos da vida

Estar incomodada *sintagma verbal (verbo + adjetivo)*. Período em que as mulheres perdem sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Menstruação. INQ.: Tem algum outro nome aqui em Bacabal? INF.: Tem é muito nome. INQ.: Diga aí mais um aí que a senhora saiba. INF.: Eles dizem assim, “ei, muié, tu **tá incomodada**”, “ei muié, tu tá de bode...” (risos). INQ.: Então diz incomodada, de bode... INF.: É. Menstruação... INQ.: Menstruação... (Bacabal, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **barco furado**; **ciclo menstrual**; **(estar) de bode**; **estar no tempo dela**; **estar nos dias**; **período menstrual**. Read: QSL 121 / ALiB – Ciclos da vida

Estar no tempo dela *sintagma verbal (verbo + preposição + artigo + preposição + pronome)*. Período que a mulher perde sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: INF.: É, rapaz, tem uns que diz que tá de bode. INQ.: Isso. INF.: Bode. É os tempos mais antigos que as pessoas falam. Ainda falam muito. E hoje... INQ.: Mais antigas não é? Mas ainda falam isso... E os mais novos? INF.: É menstruado, **tá no tempo dela**, é assim que nós chega... INQ.: Que ela pode ter filho. INF.: Pode ter filho ainda. (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barco furado**; **ciclo menstrual**; **(estar) de bode**; **estar doente**; **estar incomodada**; **estar nos dias**; **período menstrual**. Read: QSL 121 / ALiB – Ciclos da vida

Estar nos dias *sintagma verbal (verbo + preposição + artigo + substantivo)*. Período em que a mulher perde sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Eh... Mestruada, né? INQ.: Tem algum outro nome? INF.: Eh... Tem as vezes que a mulher não quer falar o nome, né? **Tô nos dias** hoje e taus, tô nos meus dias.. (Bacabal, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **barco furado; ciclo menstrual; (estar) de bode; estar incomodada; estar no tempo dela; período menstrual**. Read: QSL 121/ALiB – Ciclos da vida

F – f

Filho adotado *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Criança que não é filha de um casal mas é criada como se fosse. < QSL 130 – A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse? INF.: **Filho adotado**. (Tauá, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **filho adotivo; filho criado; filho de criação**. Read: QSL 130/ALiB – Ciclos da vida

Filho adotivo *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Criança que não é filha de um casal mas é criada como se fosse. < QSL 130 – A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse? INF.: Como assim? INQ.: Uma criança que não é filha verdadeira do casal INF.: Sim. INQ.: Mas ela é criada... INF.: **Filho adotivo**. (Alto Parnaíba, homem, faixa II, nível fundamental) / A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse? INF.: Irmão de criação. INQ.: Não, presta atenção. A criança não é filha verdadeira de criação mas é criado por ele como se fosse. Então, é o que essa criança? INF.: **Filho adotivo**. INQ.: Pronto. (Quixeramobim, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **filho adotado; filho criado; filho de criação**. Read: QSL 130/ALiB – Ciclos da vida

Filho criado *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Criança que não é filha de um casal mas é criada como se fosse. < QSL 130 – A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse? INF.: Eh... Filho... Filho criado. (Russas, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **filho adotado; filho adotivo; filho de criação**. Read: QSL 130/ALiB – Ciclos da vida

Filho de criação *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Criança que não é filha de um casal mas é criada como se fosse. < QSL 130 – A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse? INF.: Eh... Entendo... Aí o pai é padrasto. INQ.: Não, não é o caso de ser padrasto, por exemplo, eu não tenho filhos... INF.: **Filho de criação**. INQ.: Aí eu vou pegar uma criança de outra pessoa e eu vou criar como se fosse (inint.) INF.: Filho de criação. (Bacabal, homem, faixa I, nível fundamental) / A criança que não é filho do casal mas que é criada por ele como se fosse? INF.: **Filho de criação**. INQ.: Tem outro nome? INF.: Adotado. (Russas, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **filho adotado; filho adotivo; filho criado**. Read: QSL 130/ALiB – Ciclos da vida

Fim-de-rama *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Filho que nasceu por último. < QSL 131 – Como se chama o filho que nasceu por último? INF.: **Fim-de-rama**. INQ.: Tem outro nome? INF.: Não me lembro, não. (Sobral, homem, faixa II, nível fundamental) > Read: QSL 130/ALiB – Ciclos da vida

Fumo brabo *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: Charuto, cigarro de palha, **fumo brabo**. (Alto Parnaíba, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **cigarro bruto; cigarro caipora; cigarro de fumo; cigarro de palha; cigarro desfiado; cigarro grosso; fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Fumo de rolo *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: É o fumo. INQ. – Chama de fumo? INF.: É. INQ.: Tu ainda chegaste a conhecer? INF.: Aquele chamava de **fumo de rolo**, antigamente. INQ.: Mas eu digo que eles preparavam, enrolavam e já fumavam. Chamavam de fumo de rolo ou fumo de rolo ... INF.: Fumo de rolo é aquele antigamente que vinha... mas esse que é o cigarro, pra nós é o cigarro. INQ.: É o cigarro. Eu digo, mas cigarro que não vinha assim da fábrica, que a pessoa fazia à mão. INF.: É com fumo mesmo. (Tuntum, mulher, faixa I, nível fundamental) > *Variante: cigarro bruto; cigarro caipora; cigarro de fumo; cigarro de palha; cigarro desfiado; cigarro grosso; fumo brabo.* Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

G – g

Ganhar a criança *sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Nascer. INQ.: É, a criança vai nascer e eu digo assim: Oh, vai chamar a parteira que a mulher vai... INF.: **Ganhá neném...** Ganhar o bebê. INQ.: Tem outro nome? INF.: Bebê. Ganhá a criança. É assim. INQ.: Pronto! (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: dar cria; dar à luz; estar em trabalho de parto; ganhar bebê; ganhar menino; ter a criança; ter filho; ter neném.* Read: QSL 124/ ALiB – Ciclos da vida.

Ganhar bebê *sintagma verbal (verbo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Parir. INQ.: Tem outro nome, além de parir? INF.: **Ganhá o bebê.** (Ipu, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: dar cria; dar à luz; estar em trabalho de parto; (estar para) ganhar neném; ganhar a criança; ganhar menino; ter a criança; ter filho; ter neném.* Read: QSL 124/ ALiB – Ciclos da vida

Ganhar menino *sintagma verbal (verbo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Ganhá. INQ.: Ganhar o quê? Como é que se diz? INF.: Minino. INQ. – Ganhar menino? INF. **Ganhar minino.** (Alto Parnaíba, homem, faixa I, nível fundamental) / INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: **Ganhar menino.** INQ.: Como? INF.: Ganhar menino. (Limoeiro do Norte, homem, faixa II, nível fundamental) > *Variante: dar cria; dar à luz; estar em trabalho de parto; ganhar a criança; ganhar bebê; ter a criança; ter filho; ter neném.* Read: QSL 124/ ALiB – Ciclos da vida

Garota de programa *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Prostituta. INQ.: Tem outro nome? INF.: **Garota de programa.** (Limoeiro do Norte, homem, faixa I, nível fundamental) > *Variante: moça da vida; mulher da vida; mulher de programa; mulher fácil; vida fácil; vira-lata.* Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

I – i

Irmão de criação *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoas que foram amamentadas pela mesma pessoa, embora não sejam ambas (ou uma delas) filhas da que amamentou. < QSL 129 – O próprio filho da _____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? INF.: Adotivo? INQ.: Não propriamente adotivo, ela amamenta a criança e ela já tem um filho, o que é que esse filho dela é do que ela amamenta? INF.: **Irmão de criação**. (Crato, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **irmão (por parte) de leite**. Read: QSL 129/ALiB – Ciclos da vida

Irmão (por parte) de leite *sintagma nominal (substantivo + (preposição + substantivo) + preposição + substantivo)*. Pessoas que foram amamentadas pela mesma pessoa, embora não sejam ambas (ou uma delas) filhas da que amamentou. < QSL 129 – O próprio filho da _____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? INF.: **Irmão...** INQ.: De quê? INF.: ... **de leite**. (Balsas, mulher, faixa I, nível fundamental) / O próprio filho da _____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? INF.: **Irmão de leite**. (Camocim, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **irmão de criação**. Read: QSL 129/ALiB – Convívio e comportamento social

L – l

Língua grande *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que fala demais. < QSL 136 – Como se chama a pessoa que fala demais? INF.: A pessoa convesa muito, muito falador, tem a **língua grande...** (Bacabal, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **beber água de badalo; beber água de chocalho; beber água de taboia; língua solta**. Read: QSL 136/ALiB – Convívio e comportamento social

Língua solta *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que fala demais. < QSL 136 – Como se chama a pessoa que fala demais? INF.: **Língua solta**. INQ.: Língua solta? INF.: É (risos). INQ.: (inint.) INF.: O pessoal diz língua solta, linguarudo, muito fofoqueiro (risos). (Brejo, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **beber água de badalo; beber água de chocalho; beber água de taboia; língua grande**. Read: QSL 136/ALiB – Convívio e comportamento social

M – m

Mãe adotiva *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Madrasta. < QSL 134 – Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha? INF.: Pode ser **mãe**, né? **Adotiva...** INQ.: Hum rum, mas chama de outro nome essa segunda mulher dele? Em relação aos filhos? (Turiaçã, homem, faixa I, nível fundamental) > Read: QSL 134/ALiB – Ciclos da vida.

Mãe de criação *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Mulher que amamenta uma criança quando a mãe não tem leite. < QSL 128 – Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? INF.: INF.: **Mãe de criação**. INQ.:– Mas ela, ela dá o leite para outra criança, o que ela é dessa criança? INF.: Não sei. INQ.: Qual a outra palavra que você falou? Antes? Como se chama uma mãe que não tem leite e outra mulher amamenta a criança? INF.:– Mãe de criação. (Crato, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **mãe de leite**. Read: QSL 128/ALiB – Ciclos da vida

Mãe de leite *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Mulher que amamenta uma criança quando a mãe não tem leite. < QSL 128 – Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? INF.: Ele chama **mãe de leite**. INQ.: Mãe de leite? INF.: É, mãe de leite. (Balsas, mulher, faixa II, nível fundamental) / Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? INF.: Que amamenta o filho de... leite? INQ.: É. INF.: É a mãe de leite. INQ.: Muito bem! (Crateús, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **mãe de criação**. Read: QSL 128/ALiB – Ciclos da vida

Mão de vaca *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. < QSL 138 – Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF.: Ah, é **mão de vaca**, é mão de vaca mesmo. INQ.: E tem algum outro... INF.: É mão de vaca, é canguinha, eh... deixa-me vê... canguinha, mão de vaca, e... só! (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) / Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF.: Comumente chamamos miserávi, mas tem mesquinho, mão-fechada, mão de vaca. (Crateús, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **casa da ruindade; mão duro; mão-fechada; pão duro**. Read: QSL 138/ALiB – Convívio e comportamento social

Mão duro *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. < QSL 138 – Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF.: INF.: Miserávi, **mão duro**, mão de vaca. (Crateús, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **casa da ruindade; mão-fechada; mão de vaca; pão-duro**. Read: QSL 138/ALiB – Convívio e comportamento social

Mão-fechada *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. < QSL 138 – Como se chama aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF.: (risos). INQ.: Como é que chama? INF.: **Mão-fechada**. INQ.: Tem mais algum nome? INF.: Não.. (Imperatriz, mulher, faixa I, nível fundamental) / Como se chama aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF.: É **mão-fechada...** INQ.: O quê mais? INF.: O povo chama mão de vaca. (Iguatu, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **casa da ruindade; mão de vaca; mão duro; pão-duro**. Read: QSL 138/ALiB – Convívio e comportamento social

Matador de aluguel *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que é paga para matar alguém. < QSL 140 – Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? INF. – Detetive? INQ. – Não, ela é paga pra matar, ela vai, não é, tu sabes que hoje acontece muito isso. INF. – Eu sei. INQ. – Eles contratam uma pessoa, pagam essa pessoa e o serviço que ela vai fazer. INF. – Acho que é **matadô de aluguel**, né, que chamo. (Brejo, mulher, faixa I, nível fundamental) / Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? INF.: Eh, pistolero, eh.. Ma... **Matadô de aluguel**. INQ.: Muito bem. (Quixeramobim, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **assassino pago; atirador de elite; pau-mandado**. Read: QSL 140/ALiB – Convívio e comportamento social

Mau pagador *sintagma nominal (adjetivo + substantivo)*. Pessoa que deixa suas contas penduradas. < QSL 139 – Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas? INF. – **Mau pagadô**. (Turiaçu, mulher, faixa II, nível fundamental) / Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas? INF.: Veaco, mau pagador. INQ.: Muito bem. (Quixeramobim, mulher, faixa II, nível fundamental) > Read: QSL 139/ALiB – Convívio e comportamento social

Mente fechada *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas. < QSL 137 – Como se chama a pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas? INF.: Ah, **mente fechada**. (Brejo, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **cabeça-dura**. Read: QSL 137/ALiB – Convívio e comportamento social

Moça da vida *sintagma nominal (substantivo + preposição + artigo + substantivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Mulher da vida ou rapariga. INQ.: Pode ir dizendo. Sabe mais? AUX. – (inint). INQ.: (risos) Por aqui como é que chama? INF.: Rapariga. INQ.: Tá bom. INF.: Ou **moça da vida**, mulher da vida. (Iguatu, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **garota de programa; mulher da vida; mulher de programa; mulher fácil; vida fácil; vira-lara**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

Mulher da vida *sintagma nominal (substantivo + preposição + artigo + substantivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF. – Chama rapariga. INQ. – Tem algum outro nome? INF. – É rapariga, **mulher da vida**. (Tuntum, homem, faixa II, nível fundamental) / Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Na Bahia é piriguete. INQ.: E aqui? INF.: Prostituta. INQ.: Tem outros nomes? INF.: **Mulher da vida**. (Sobral, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **garota de programa; moça da vida; mulher de programa; mulher fácil; vida fácil; vira-lata**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

Mulher de programa *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: **Mulher de programa**, né? INQ.: Uhn ru...Tem mais algum outro nome que dizem aqui, sobre essas mulheres? INF. – Puta... tem... tem... (Tuntum, mulher, faixa II, nível fundamental) / Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Prostituta. INQ.: Conhece outro nome? Pode dizer... INF.: Prostituta, mulher de programa, a gente chama de rapariga. (Canindé, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante : **garota de programa; moça da vida; mulher da vida; mulher fácil; vida fácil; vira-lata**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

Mulher fácil *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Prostituta. INQ.: Conhece outro nome pra prostituta? INF.: Puta, **mulher fácil** que chama. (Canindé, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **garota de programa; moça da vida; mulher da vida; mulher de programa; vida fácil; vira-lata**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

P – p

Pão-duro *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. < QSL 128 – Como se chama aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF.: **Pão-duro**, esse é ruim (risos). (Brejo, homem, faixa I, nível fundamental) / Como se chama aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF. (risos) Miserável. INQ.: Tem outro nome? INF.: (risos) **Pão-duro**. INQ.: Tem outro nome? INF.: (risos) Tem vários! INQ.: Vá falando aí o que tu sabe! INF.: Consigo lembrar só desses dois mesmo. (Ipu, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **casa da ruindade; mão-fechada; mão de vaca; mão duro**. Read: QSL 138/ALiB – Convívio e comportamento social

Pau-d'água *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que bebe demais. < QSL 144 – Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? INF.: **Pau d'água**. (Russas, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **bebedor de cachaça; pé inchado; pé-de-cana**. Read: QSL 144/ALiB – Convívio e comportamento social

Pau-mandado *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que é paga para matar alguém. < QSL 140 – Como se chama a pessoa que é paga pra matar alguém? INF.: Aí é o pistolêro, aí o pistolêro chama jagunço também, é pistolêro, **pau-mandado**. INQ.: Ah! o que é pago pra matar alguém... INF.: É... INQ.: ... chama pistolêro, jagunço INF.: ...ô jagunço. Eh... isto, só. (Imperatriz, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **assassino pago**; **atirador de elite**; **matador de aluguel**. Read: QSL 140 ALiB/Convívio e comportamento social

Pé inchado *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Pessoa que bebe demais. < QSL 144 – Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? INF.: Um chama cachacêro, outro chama **pé inchado**. (Tuntum, homem, faixa II, nível fundamental) / Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? INF.: Bêbado. INQ.: Tem outro nome? INF.: **Pé inchado**. (Cratéus, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **bebedor de cachaça**; **pau-d'água**; **pé inchado**; **pé-de-cana**. Read: QSL 144/ALiB – Convívio e comportamento social

Pé-de-cana *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Pessoa que bebe demais. < QSL 144 – Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? INF.: **Pé-de-cana**. INQ.: Tem algum outro nome além de pé de cana? INF.: Que eu me lembre não. (Balsas, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **bebedor de cachaça**; **pau-d'água**; **pé inchado**. Read: QSL 144/ALiB – Convívio e comportamento social

Pé-duro *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão. < QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? INF.: **Pé-duro**. INQ.: É? Tem outro nome? INF.: Não! (Canindé, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **cigarro bruto**; **cigarro caipora**; **cigarro de fumo**; **cigarro de palha**; **cigarro desfiado**; **cigarro grosso**; **fumo brabo**; **fumo de rolo**. Read: QSL 145/ALiB – Convívio e comportamento social

Perder a criança *sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)*. Parir antes do tempo e em condições que não permitem a sobrevivência do feto. < QSL 127 – Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____ ? Vai **perder a criança**. (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) > Read: QSL 127/ALiB – Ciclos da vida

Período menstrual *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Período em que a mulher perde sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: **Período menstrual**. (Crateús, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **barco furado**; **ciclo menstrual (estar) de bode**; **estar incomodada**; **estar nos dias**; **estar no tempo dela**. Read: QSL 121/ALiB – Ciclos da vida

Ponta de cigarro *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Resto do cigarro que se joga fora. < QSL 146 – Como se chama o resto do cigarro que se joga fora? INF.: A **ponta do cigarro**, eles chamam ponta, banguela... INQ.: Como? INF.: Banguela... e jogam aquele pedacinho fora, tem às vezes tem uns que juntam. "Ah, vou juntar essa banguela aqui, vou juntar uma porção pra fazer outro cigarro". INQ.: Banguela? INF.: Banguela. INQ.: Ban... INF.: ...guela. banguela. (Turiaçu, homem, faixa II, nível fundamental) / Como se chama o resto do cigarro que se joga fora? INF.: Bituca... **ponta de cigarro**. (Tauá, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **toco de cigarro**. Read: QSL 146/ALiB – Convívio e comportamento social

S – s

Sem-vergonha *sintagma nominal (preposição + substantivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Prostituta. INQ.: Tem outro nome? INF.: É mais nós chama mais é de vadia, essas coisas... **sem-vergonha**, nós chama de tudo. (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) / Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? **Sem-vergonha**. (Crato, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante : **garota de programa; moça da vida; mulher da vida; mulher de programa; mulher fácil; vida fácil; vira-lata**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

T – t

Ter a criança *sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Para **ter a criança**, né?! (Limoeiro, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante : **dar à luz; dar cria; (estar para) ganhar neném; ter filho; ter neném; ter o bebê**. Read: QSL 124/ ALiB – Ciclos da vida

Ter filho *sintagma verbal (verbo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Pra... **ter o filho**. INQ.: Ou? INF.: Parí. (Russas, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **dar à luz; dar cria; (estar) para ganhar neném; ter a criança; ter neném; ter o bebê**. Read: QSL 124/ ALiB – Ciclos da vida.

Ter neném *sintagma verbal (verbo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: **Ter neném**. (Bacabal, mulher, faixa II, nível fundamental) / INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: **Ter neném**, INQ.: Ou? INF.: Parir. (Sobral, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **dar à luz; dar cria; (estar) para ganhar neném; ter a criança; ter filho; ter o bebê**. Read: QSL 124/ ALiB – Ciclos da vida

Ter o bebê *sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: Dá à luz. INQ.: Tem outro nome? INF.: **Tê o bebê**. (Ipu, mulher, faixa I, nível fundamental) > Variante: **dar à luz; dar cria; (estar para) ganhar neném; ter a criança; ter filho; neném**. Read: QSL 124/ALiB – Ciclos da vida.

Toco de cigarro *sintagma nominal (substantivo + preposição + substantivo)*. Resto do cigarro que se joga fora. < QSL 146 – Como se chama o resto do cigarro que se joga fora? INF.: O resto do cigarro... É, filtro, **toco de cigarro**. INQ.: É.. como chamam aqui. É assim que chamam por aqui? INF.: É. Filtro, toco de cigarro. (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) / Como se chama o resto do cigarro que se joga fora? INF.: **Toco de cigarro**. INQ.: Tem outro nome? INF.: Ponta (inint). (Canindé, homem, faixa I, nível fundamental) > Variante: **ponta de cigarro**. Read: QSL 146/ALiB – Convívio e comportamento social

V – v

Vida fácil *sintagma nominal (substantivo + adjetivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Aqui chamo vagabunda, **vida fácil**, vira-lata. INQ.: Tem mais? (Crateús, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **garota de programa; moça da vida; mulher da vida; mulher de program; mulher fácil; vira-lata**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

Vira-lata *sintagma nominal (verbo + substantivo)*. Mulher que se vende para qualquer homem. < QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? INF.: Aqui chamo vagabunda, vida fácil, **vira-lata**. INQ.: Tem mais? (Crateús, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **garota de programa; moça da vida; mulher da vida; mulher fácil; vida fácil**. Read: QSL 142/ALiB – Convívio e comportamento social

Virar homem *sintagma verbal (verbo + substantivo)*. Período em que a mulher para de sangrar todos os meses. < QSL 122 – INQ.: Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____. INF.: Menopausa. INQ.: Ou então, diz o que, que a senhora ia falar? INF.: **Virô homem**. (Ipu, mulher, faixa II, nível fundamental) > Variante: **amarrar o facão**. Read: QSL 122/ALiB – Ciclos da vida

(Estar para) – (Estar)

(Estar para) ganhar neném *sintagma verbal ((verbo + preposição) + verbo + substantivo)*. Parir. < QSL 124 – INQ.: Chama-se a ____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: **Ganhá neném**, parí... INQ.: Tu disseste ganhar neném, parir... Tem outro nomes mais? INF.: Não. (Bacabal, homem, faixa II, nível fundamental) / Chama-se a ____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____. INF.: **Ganhá neném**, parí. (Camocim, mulher, faixa II, nível fundamental). > Variante: **dar à luz; dar cria; ter a criança, ter filho, ter neném, ter o bebê**. Read: QSL 123/ALiB – Ciclos da vida.

(Estar) de bode *sintagma verbal ((verbo) + preposição + substantivo)*. Período em que a mulher perde sangue todos os meses. < QSL 121 – INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INF.: É, rapaz, tem uns dias que **tá de bode**. INQ. Isso. INF.: Bode. É os tempos mais antigos que as pessoas falam. Ainda falam muito. E hoje... INQ.: Mais antigas não é? Mas ainda falam isso...E os mais novos? .INF.: É menstruado, tá no tempo dela, é assim que nós chega... INQ.: Que ela pode ter filho. INF. Pode ter filho ainda. (São João dos Patos, homem, faixa I, nível fundamental) / As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Tá de bode. (Ipu, homem, faixa II, nível fundamental) > Variante: **barco furado; círculo menstrual, estar incomodada, estar nos dias, estar no tempo dela, período menstrual**. Read: QSL 122/ALiB – Ciclos da vida.

ANEXOS

ANEXO 1

	FICHA DA LOCALIDADE Nº do ponto: Nº do informante:
1 NOME OFICIAL:	
2 NOME REGIONAL:	
3 NOMES ANTERIORES:	
4 NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:	
5 NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:	
6 NÚMERO DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante:	
7 ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:	
8 INDÚSTRIAS CASEIRAS:	
9 SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):	
10 COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.):	
11 DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):	
12 DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:	
13 DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:	
14 CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:	
15 HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):	
16 OBSERVAÇÕES GERAIS:	

ANEXO 2

		FICHA DO INFORMANTE Nº do ponto: Nº do informante:	
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1 NOME:		2 ALCUNHA:	
3 DATA DE NASCIMENTO:	4 SEXO: A () M B () F	5 IDADE:	
6 ENDEREÇO:			
7 ESTADO CIVIL: A () solteiro B () casado C () viúvo D () outro			
8 NATURALIDADE:	9 COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)		
10 DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11 ESCOLARIDADE:			
12 OUTROS CURSOS: A () especialização B () profissionalizante C () outros			
13. NATURALIDADE:		14 FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?	
A da mãe:		A () sim B () não	
B do pai:		15 EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?	
C do cônjuge:		NATURALIDADE: A da mãe adotiva:	
		B do pai adotivo:	
16 ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17 OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:			
18 PROFISSÃO:			
A do pai:			
B da mãe:			
C do cônjuge:			
RENDA			
19 TIPO DE RENDA: A () individual B () familiar			

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20 ASSISTE TV? A () todos os dias B () às vezes C () nunca	21 PROGRAMAS PREFERIDOS: A () novelas D () noticiários G () outro B () esportes E () programa religioso C () programa de auditório F () filmes
22 TIPO DE TRANSMISSÃO: A () rede gratuita B () parabólica C () tv por assinatura	23 OUVÊ RÁDIO? A () todos os dias D () parte do dia G () enquanto trabalha B () às vezes E () o dia inteiro C () nunca F () enquanto viaja
24 PROGRAMAS PREFERIDOS: A () noticiário geral D () noticiário policial G () outro B () esportes E () música C () programa religioso F () programa com participação do ouvinte	
25 LÊ JORNAL? A () todos os dias B () às vezes C () nunca D () semanalmente E () raramente	
26 NOME DO(S) JORNAL(IS): _____ A () local B () estadual C () nacional	27 SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A () editorial D () programa cultural G () classificados B () esportes E () política H () outra C () variedades F () página policial
28 LÊ REVISTA? A () às vezes B () semanalmente C () mensalmente D () raramente E () nunca	
29 NOME/TIPO DE REVISTA: _____	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30 CINEMA	A ()	B ()	C ()	D ()
31 TEATRO	A ()	B ()	C ()	D ()
32 SHOWS	A ()	B ()	C ()	D ()
33 MAN. FOLCLÓRICAS	A ()	B ()	C ()	D ()
34 FUTEBOL	A ()	B ()	C ()	D ()
35 OUTROS ESPORTES	A ()	B ()	C ()	D ()
36 OUTROS	A ()	B ()	C ()	D ()
37 QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?	_____			

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA
38 CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

A () tímido B () vivo C () perspicaz D () sarcástico

39 ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:

A () total B () grande C () média D () fraca

40 POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A () cooperativa B () não cooperativa C () agressiva D () indiferente

41 CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:

A () "A" B () "B" C () "C" D () "D"

42 GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:

A () grande B () médio C () pequeno D () nenhum

43 INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:

A () sim B () não

44 CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):
45 AMBIENTE DO INQUÉRITO:
46 OBSERVAÇÕES:
47 NOME DO ENTREVISTADOR:

48 LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:

49 DATA DA ENTREVISTA:

50 DURAÇÃO:

ANEXO 3



DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, intitulado **Os fraseologismos nos campos semânticos *ciclos da vida e convívio e comportamento social* no interior do Ceará e do Maranhão: o que mostram os dados do Projeto ALiB**, que desenvolvo sob a orientação da Prof.^a Conceição de Maria de Araujo Ramos, Membro Credenciado da Equipe Regional Ceará (Projeto ALiB), dados do *corpus* desse Projeto, declaro:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do Projeto ALiB a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Lingüístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Lingüístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE do Orientador.

São Luís, 03 de julho de 2018.

Nádia Letícia Pereira Silva

Assinatura

RG: 036363512008-6 SSP/MA CPF:051339173-84

CIENTE

Conceição de Maria de Araujo Ramos

Orientador Prof.^a Conceição de Maria de Araujo Ramos

REGISTRADO no

Projeto ALiB sob nº



Digitalizada com CamScanner